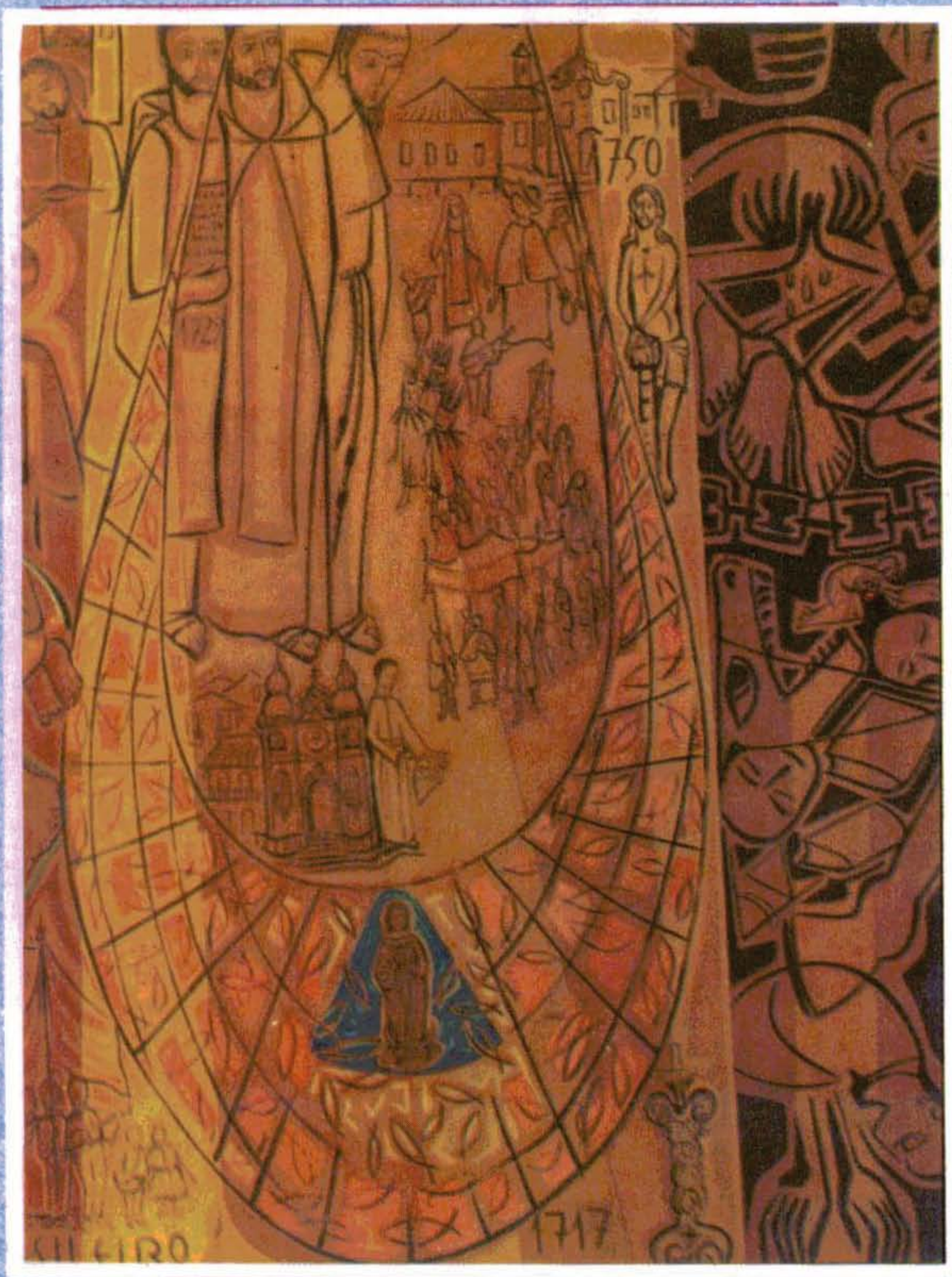
convergência

OUT - 1993 - ANO XXVIII - Nº 266



- **DESAFIOS MISSIONÁRIOS HOJE NA VIDA RELIGIOSA** - D. Luciano Mendes de Almeida, SJ - página 459
- **PROFETISMO NA VIDA RELIGIOSA HOJE** Pe. Alexandre Otten, SVD - página 472

CONVERGÊNCIA
Revista Mensal
da Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB

Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Coordenador:
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ
Membros:
Pe. Ático Fassini, MS
Ir. Lina Boff, SMR
Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar
Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1993:

Brasil, taxa única:		
terrestre ou aérea	Cr$	425.000,00
Exterior: marítima	US$	45,00
aérea	US$	60,00
Número avulso	Cr$	42.500,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911-230 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro 25685-020 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa
Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 16: "Na extremidade esquerda da rede temos a presença de três ordens que também influenciaram profundamente a evangelização do país: um beneditino, um carmelita e um capuchinho. O beneditino é Frei Mateus da Encarnação Pinna, que se destacou em sua luta contra o jansenismo e traz em sua mão a "Defensio Purissimae et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae". Em 1750 temos a fundação do seminário de Mariana, organizado e regido pelos jesuítas. Estes foram expulsos do Brasil em 1759 e não puderam mais influenciar a religiosidade mineira. A religiosidade popular traduziu-se em formas mais folclóricas e intimistas simbolizadas pelo barroco, as "beatas", as folias de reis, as irmandades (do Santíssimo, dos negros...) e a devoção das cinco chagas representadas pelo homem das dores. O barroco desta época foi caracterizado pela arquitetura e pela liturgia (Sé de São João del Rey e o candelabro), e pela música sacra com o Pe. José Maurício, mulato e mineiro. O Mural entra numa fase escura quando chega a data de 1759: expulsão de mais de 450 jesuítas do Brasil por parte do Marquês de Pombal. O Artista quis fazer uma "Guernica" brasileira, tamanhas foram a injustiça e as conseqüências nefastas para a vida social, cultural e religiosa do Brasil, com a expulsão violenta destes religiosos. Uma mão de ferro simboliza Pombal e a manipulação da maçonaria em todo esse assunto. A seguir uma mulher chora desconsolada diante da saída dos jesuítas. Uma pomba morta simboliza toda liberdade e doação extintas. Uma mãe se debruça chorando a sua filha assassinada, lembrando aquela frase de Voltaire: "acabemos com a filha (a Companhia de Jesus) e logo acabaremos com a mãe (a Igreja)". A seguir aparecem rostos macerados e famintos dos exilados. Um animal grita, abrindo aterrorizado a sua boca, diante de tamanha injustiça. A pata do cavalo simboliza o abuso do poder. Por fim, um jesuíta agoniado arranha a terra como para se esconder dentro dela ou para enterrar seu companheiro morto. A expulsão dos jesuítas marca uma fase obscura na história da Igreja no Brasil **(Pe. Marcos de Lima, SDB)**.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº P-209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 449

INFORME DA CRB 451

DESAFIOS MISSIONÁRIOS HOJE NA VIDA RELIGIOSA
Dom Luciano Mendes de Almeida, SJ 459

PROFETISMO NA VIDA RELIGIOSA HOJE
Pe. Alexandre Otten, SVD 472

O DEUS QUE LIBERTA E SUSCITA A PROFECIA
Pe. Sebastião Pitz, SCJ 481

MISSÃO: DA AMÉRICA LATINA AO MUNDO
Irmã Rosa Mareschi, MC 492

APROXIMAÇÃO, SOLIDARIEDADE E IDENTIFICAÇÃO
Pe. Cleto Caliman, SDB 497

COM OS OLHOS DO CORAÇÃO
Roberto S. Bartholo Jr. 506

EDITORIAL

Dois temas aparecem de forma explícita e continuada neste número de CONVERGÊNCIA: experiência de Deus e missão, está como conseqüência daquela. Os religiosos e religiosas apelam com freqüência para a experiência de Deus que fazem como base e razão para a sua atividade missionária. Nesta experiência é, entretanto, colocada como motivação uma série de questões pessoais, na busca de inspiração para reacender e orientar um serviço missionário, ou atribuir-lhe um caráter apologético para abordar problemas específicos ou subscrever certas estratégias de ação. Com isso se pode perder a perspectvia de que a missão consiste justamente em partilhar a experiência de Deus primeiro dentro da própria comunidade e da tradição, e depois junto com o povo e as comunidades de outras tradições culturais, sociais e religiosas. A noção de "partilha da experiência de Deus" acaba significando para muitos simplesmente um "estar junto", de caráter neutro e justificado pela simples solidariedade da presença.

Num texto célebre de 1979, o famoso teólogo Karl Rahner colocava como condição da missão a "interação cultural". Lembrava ele que a história da Igreja, vista antes sob o aspecto teológico do que simplesmente cronológico, pode ser dividida em três fases importantes. A primeira foi aquela da cristandade judaica. A própria missão de Jesus foi em Israel. Os primeiros discípulos, na comunidade apostólica em Jerusalém, eram completamente judeus nos costumes e no ponto de vista. A expansão missionária e o influxo resultante de gentios convertidos fizeram com que a Igreja passasse para a segunda fase importante, a da cristandade "helenística" ou "européia". Esta mudança ocasionou alterações radicais em quase cada aspecto da Igreja de então: identidade cultural, linguagem, sede da autoridade, transferindo-se de Jerusalém para Roma, maneiras de adoração, modelos de moralidade e assim por diante.

Torna-se importante compreender, afirma Rahner, que a Igreja permaneceu nesse período helenístico desde o final do século I até praticamente o nosso período contemporâneo. Obviamente a cultura ocidental sofreu enorme desenvolvimento e mudança, mas cristandade permaneceu fixada dentro do arcabouço cultural greco-romano ou "ocidental". O desafio dos novos tempos reabre para a instituição católica, e seus segmentos como a vida religiosa, a questão da **universalidade** e do **pluralismo**. Se a alteração a partir dos estreitos limites da cristandade judaica para a arena mais ampla do império romano, significou tantas e tão profundas

mudanças em cada aspecto da vida da Igreja, não deveríamos nós, também, esperar audaciosas transformações na liturgia, nos valores morais, no governo da Igreja e nos modelos da teologia, à medida em que formos, na missão, atravessando as fronteiras de raça, cultura e gênero?

A questão do universalismo não é simples questão acadêmica; ela possui conseqüências desconcertantes para a vida pastoral e missionária da Igreja. Ser universal, capaz de abranger e de ser expressado por todas as culturas e por todos os povos, é essencial para o Evangelho. Nesta terceira etapa que se abre a partir dos anos 80, a vida religiosa como privilegiada protagonista da atividade missionária, é chamada a repensar o seu agir missionário e a experiência de Deus que o orienta. No seu artigo introdutório da parte de estudo e reflexão deste número, D. LUCIANO MENDES DE ALMEIDA insiste que esta experiência espiritual reflita uma forte convicção de que Jesus Cristo é a única salvação para o mundo contemporâneo, aquele que responde a suas necessidades mais autênticas, e que por isso mesmo não se deve ter timidez nem insegurança em proclamar o Evangelho de Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Esta proclamação passa por uma fé e amor específico a Jesus Cristo, pelo dinamismo dos Conselhos Evangélicos à luz da opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso missionário e pelas formas inseridas de presença da vida religiosa. Ir. ROSA MARESCHI, por seu lado, e tendo presente o texto de "Redemptoris Missio", identifica o caráter profético da missão, através do testemunho do anúncio e da denúncia libertadora. Já o p. ALEXANDRE OTTEN analisa a situação concreta de crise em que vivem muitas comunidades religiosas que escolheram como caminho missionário a inserção em meios populares para aí perceberem uma nova presença de Deus, testemunhá-la e comprometer-se claramente com ela. P. SEBASTIÃO PITZ retoma a questão da experiência de Deus como condição para fazer acreditável o amor de Deus revelado em Jesus Cristo através de uma contemplação na ação, dentro da ação e com a ação e para uma unidade de fé-vida, ação-oração, mística e política. Finalmente, o texto do p. CLETO CALIMAN, situa a experiência do Deus de Jesus, a partir do documento de Santo Domingo, no tríplice movimento de proximidade, de solidariedade e de identificação.

CONVERGÊNCIA espera que todas estas reflexões possam expressar neste mês dedicado às Missões o sentido de agradecido apreço por estes heróicos homens e mulheres cujas vidas de incrível generosidade em tantas e diversas terras do nosso planeta, atestam que nosso Deus é Deus de misericórdia e de justiça — e o Deus de todos.

P. Spencer Custódio Filho sj

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE COMUNITÁRIA

Em Fortaleza (CE), realizou-se o II Seminário Nacional de Saúde Comunitária promovido pela CRB (através do Grupo de Reflexão da Saúde — GRS) e pela CNBB (através do Grupo de Pastoral de Saúde — GPS). Os 130 (cento e trinta) participantes refletiram sobre o tema: "POLÍTICA DE SAÚDE, SAÚDE COMUNITÁRIA, VISÃO ÉTICO-TEOLÓGICA. Os objetivos do Seminário foram: a) GERAL: fortalecer e animar os(as) religiosos(as) e agentes de Pastoral que atuam na área da Saúde. b) ESPECÍFICAS: aprofundar as questões da política da saúde na atual conjuntura; explicitar e avaliar a metodologia de nossa prática na saúde; partilhar experiências e celebrar nossa caminhada; estabelecer linhas de ação e articulação; clarear nossa prática à luz da mística cristã. A assessoria esteve a cargo do Pe. Christian de Paul de Barchifontaine para a conjuntura e a política de Saúde; do Pe. João Maria Van Damme para a metodologia da Saúde Comunitária e Frei Luiz Augusto de Matos para a visão ético-teológica.

O ponto alto do Seminário foi a colocação sobre a visão ético-teológica, a mística, fornecendo elementos para o senso crítico e o discernimento na nossa prática, ajudando para as pistas de ação, o agir.

As pistas de ação, de um modo geral, válidas e adequadas, para este Seminário e para outros posteriores são as seguintes:

— capacitar agentes de Pastoral da Saúde Comunitária que sejam sujeitos de transformação a partir da vivência da mística cristã e da formação sócio-política;

— articular com as entidades (eclesiais, sociais, políticas) que defendem a Vida;

— comprometer-se com as formas de organização e mobilização em favor da saúde integral e da sociedade nova.

No fim do Seminário, foi aprovada e assinada uma MOÇÃO DE REPÚDIO à privatização do setor saúde e à manipulação da representação popular nos Conselhos de Saúde. Essa moção foi enviada ao Presidente da República, aos Presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados, ao Ministro da Saúde e às Presidências da CNBB e da CRB.

Na avaliação, os participantes ressaltaram a importância do clima fraterno da convivência e das liturgias. A nível dos conteúdos, os participantes se manifestaram positivamente: ajudou na conscientização da realidade vivida a nível político, econômico e social e a

tomar consciência da importância da nossa articulação com todos os movimentos e entidades que promovem e defendem a Vida em nome do Deus da Vida.

Pe. Christian de Paul de Barchifontaine, Membro do GRS/Nacional e Coordenador Nacional da Pastoral da Saúde-CNBB.

SEMINÁRIO DE ESPIRITUALIDADE BÍBLICA: UMA EXPERIÊNCIA FUNDANTE

Pe. Atico Fassini, MS
Erechim, RS

"Ah! todos que tendes sede, vinde à água. Procurai a Iahweh enquanto pode ser achado, invocai-o enquanto está perto" (Is 55, 1.6).

Com esse apelo da Palavra de Deus, Frei CARLOS MESTERS OC acolhia os participantes do SEMINÁRIO DE ESPIRITUALIDADE BÍBLICA (SESBI), em SÃO PAULO. Seminário-piloto. Laboratório de idéias e práticas para os subseqüentes Seminários: SESBI/O!

A intuição desse SEMINÁRIO nasceu do diálogo entre alguns membros de dois Institutos Religiosos, com experiência de trabalho bíblico, no desejo de servir à Vida Religiosa no Brasil. A CRB assumiu a idéia e confiou-lhes a concretização dessa iniciativa pioneira. O Presidente Nacional da CRB, Pe. EDÊNIO VALLE SVD, em visita ao SESBI, confirmou seu apoio, solicitando que se leve à frente essa experiência, e anunciando, ao mesmo tempo, a realização de outro SESBI, pela CRB, em 1994.

O contexto da memória dos 500 anos de Evangelização da América Latina e o da prática popular de leitura da Palavra de Deus propiciaram o surgimento dessa idéia. Dentro desse mesmo contexto, aliás, surgira também o Projeto da CRB, "TUA PALAVRA É VIDA", extensão substitutiva do primitivo Projeto "PALAVRA-VIDA", da CLAR. É o que se recordava na abertura do SESBI/O.

A Comissão Organizadora, integrada pelo mesmo Frei CARLOS MESTERS OC, por Irmã LÚCIA WEILER DP, Irmã TEREZINHA BARROS Prov. GAP, Pe. ANGELO PERIN MS e Irmã WELMA DE ANDRADE WANDERLEY MJC, foi montado, com a ajuda de mais alguns Religiosos e Religiosas, e em sucessivas reuniões, as coordenadas do SEMINÁRIO: local, data, pré-requisitos, dinâmica, temática, objetivo, estrutura. Assim, na CASA DE RETIROS das Missionárias de Jesus Crucificado, no CAPÃO REDONDO, São Paulo, era aberto o SEMINÁRIO DE ESPIRITUALIDADE BÍBLICA de nº 0 (SESBI/0), para Religiosas e Religiosos. O SESBI, coordenado por essa Comissão, mais alguns participantes do Seminário (Irmã VILDA GONTIJO DOS SANTOS MJC, Frei EDMILSON BORGES DE CARVALHO OC e Pe. ATICO FASSINI MS).

Além dos cinco membros da Comissão Organizadora, tomaram parte do SESBI outras trinta e seis pessoas:

— Vinte e cinco Religiosas (Missionárias de Jesus Crucificado, Carmelitas da Divina Providência, Carmelitas Filhas de Santa Tereza, Irmãs da Providência de GAP. Missionárias Carmelitas, Irmãs da Divina Providência, Carmelitas Missionárais e Irmãs da Santa União, da ARGENTINA).

— Onze Religiosos (Carmelitas e Missionários de N. Sra. da Salette).

O SESBI destinava-se pois, a Religiosos e Religiosas:

— dispostos a rever a própria vida e andar na prática de uma pastoral libertadora e à luz da opção pelos pobres;

— inseridos em meios populares;

— engajados num trabalho bíblico junto ao povo ou à Vida Religiosa.

Como objetivo, o Seminário se propunha:

— aprofundar a respectiva consagração e missão religiosas, no contexto da realidade latino-americana;

— partilhar a experiência de vida na fé, renovando a própria espiritualidade na ótica do empobrecido;

— recolher "combustível" (força e coragem) para a travessia do "deserto" que nosso povo enfrenta;

— reforçar o estudo da Bíblia em mutirão, vivendo uma experiência comunitária da Palavra de Deus como luz e força de vida, em sua ação transformadora junto ao povo dos pobres;

— buscar os elementos bíblicos necessários para a elaboração de nova síntese de Vida Religiosa;

— desembocar numa conversão pessoal, segundo a dinâmica do discipulado de Jesus;

— propiciar condições para se trabalhar na formação bíblica de Religiosos e Religiosas;

— clarear critérios para a leitura correta e fiel da Palavra de Deus;

— elaborar uma visão global da Bíblia, a partir da história de Deus com seu Povo, visão que revele a fidelidade de Deus que age tanto no AT e NT, quanto no hoje da história, para a concretização de seu Projeto.

Em toda sua proposta, o Seminário teve como eixo de análise ou chave de leitura, a situação de CATIVEIRO:

— cativeiro imposto pela Babilônia, ao povo judeu; o povo oprimido ali faz nova experiência de Deus (IAHWEH), na memória do passado e na articulação de novos caminhos de vida para o futuro;

— cativeiro do Império e da Lei que o povo, no tempo de Jesus, carregava sobre si, e que o próprio Jesus, como Servo de Iahweh e Luz das Nações, enfrentou, para realizar o Projeto do Pai;

— cativeiro hoje imposto aos povos latino-americanos, subjugados pelo sistema sócio-político-econômico face ao qual se faz necessária nova autoconsciência por parte do povo e nova prática eclesial, numa nova experiência de Deus.

Dinâmica e temática do SESBI/O foram sendo definidas e assumidas por seus integrantes, em forma de mutirão, no intuito de suscitar a vivência pessoal e comunitária da Palavra de Deus, numa atitude de aprendiz, de discipulado. Nessa caminhada se misturavam consciência da realidade, estudo da Bíblia, escuta da Palavra, partilha de vida e oração, numa grande celebração. Estudo, vida e celebração se integravam. Comunidade, Realidade e Bíblia (CRB) constituíam a banqueta-tripé sobre que se assentavam todos, no decorrer do Seminário.

Para entrar nessa dinâmica, todos, logo de início, foram convidados a expressar as próprias esperanças e sentimentos, expectativas e temores, preocupações e alegrias, tanto em relação ao nosso Povo, nossa Igreja e Vida Religiosa, quanto em relação ao próprio Seminário. A situação de cativeiro mais uma vez veio à tona, e com ela, a missão da Igreja e da Vida Religiosa.

A Leitura Orante de textos bíblicos correspondentes à temática do dia, leitura feita individualmente e, a seguir, em Grupos de Vivência, tornou-se o primeiro passo da caminhada diária. Passo de discípulos que abrem seus onvidos à Palavra, como o Servo de Iahweh (Is 50, 4). Por isso, o método do Monge GUIGO (sec. XIII), para a LECTIO DIVINA, em seus quatro degraus integrados (Leitura, Meditação, Oração, Contemplação), acrescido de um quinto hoje, o da Ação, se fez trilha de Palavra-Vida. Escuta da Palavra, olhar crítico sobre a realidade, espiritualidade engajada formam o caminho de saída de nosso cativeiro. Nesse caminho de libertação, travam-se ao mesmo tempo, a "grande luta", a luta da transformação das estruturas da injustiça, e a "pequena luta", a da conversão pessoal e eclesial.

Nessa andança de vida se faz necessária uma "Visão Global da Bíblia", elaborada desde o ponto de vista do Cativeiro. Ela permite que se recolha a riqueza da experiência de Deus vivida por seu Povo, no passado, para iluminar o presente histórico em que vivemos, e projetar novo caminho de vida, pela força do Deus Libertador em Jesus Cristo. Ela é "ferramenta" indispensável para a redescoberta da missão da Vida Religiosa na América Latina, como o foi, em distintos contextos do passado, para a fundação das diferentes Ordens e Congregações. São múltiplas as visões globais da Bíblia. Por detrás de cada uma sempre há uma forte experiência de Deus na experiência da vida do Povo. Qual a que hoje se faz oportuna?

Os participantes do SESBI fizeram esse percurso, celebrando as ações e apelos de Deus em nossa realidade. A partir de Judite 9,1-11, questionaram-se sobre quem é Deus para cada um, e quem é cada um para Deus. Com o autor da Lamentação 3 se perguntaram sobre qual a experiência de Deus ali expressa, e como pode ela modelar a vida de cada um. Com Isaías 40-50 e 61, 1-11, puderam sentir o peso do cativeiroro sofrido pelo Povo na época. Oprimido pela Babilônia, o Povo aprendeu a analisar seu presente, relendo o passado das ações de Iahweh, criando resistência face às forças desagregadoras do Império, reconstruindo a própria identidade no sofrimento, articulando novo Êxodo, na confiança no Deus sempre fiel à promessa feita. Desse ponto de vista histórico, o Povo pôde recuperar a consciência da constância e coerência da presença de Deus, como seu nome "IAHWEH" o indica. Profetismo, Monarquia, Templo, Juízes, Lei, Deserto, Êxodo, Patriarcas, Matriarcas e a Criação como um todo, se tornaram páginas do grande livro de leitura, através do olhar de Profetas como ISAÍAS e JEREMIAS, para a percepção dos apelos de Deus naquele tempo de tribulação.

A articulação desse novo Êxodo, como nova experiência de Deus, se deparou com duas possibilidades:

— uma, a do simples retorno ao passado, pela restauração da Monarquia, das instituições sociais e religiosas, particularmente o Templo e a Lei, o que significava a recomposição do monolitismo e absolutismo da opressão;

— outra, a da elaboração de novo Projeto, fundado na Promessa de Deus, na sua presença gratuita e salvadora, na sua soberania de Criador do Universo e de Senhor da História. Beber da boa fonte do passado para enfrentar os desafios do presente e construir um futuro de esperança e vida, era a estratégia requerida. A rota devia passar pelo SERVO de IAHWEH, o "GOEL" que resgataria seu Povo da opressão e seria a LUZ DAS NAÇÕES.

O Projeto "LUZ DAS NAÇÕES" teve curta duração. O Povo passou a carregar a cruz de novos cativeiros, sob outros impérios. O Projeto, no entanto, se manteve como brasa viva sob pesadas cinzas. A abordagem dos textos de RUTE e JONAS, durante o Seminário, revelou seu forte poder de resistência. Essa corrente de vida sobrevive ainda na alma de nossos povos à espera de libertação. Por ali passa a força da Profecia, dimensão essencial para a Vida Religiosa na América Latina de hoje.

RUTE e JONAS serviram de porta de entrada para a casa da SABEDORIA veterotestamentária. Com eles, JÓ, ECLESIASTES, CÂNTICO DOS CÂNTICOS, PROVÉRBIOS e SALMOS permitiram melhor compreensão da real situação histórica do povo oprimido mas em atitude de sábia resistência, e dos muitos conflitos internos surgidos no pós-exílio, entre as duas correntes, a conservadora ou restauradora, e a renovadora ou de resistência na esperança em Iahweh. Os Livros Sapienciais, fruto desse húmus histórico-religioso, ecléticos em sua luta por dignidade a liberdade, em sua fé no Deus de seus Pais. Sabedoria que ainda é a de nossos pobres, hoje, em sua esperança firme no Deus Salvador. Essa dimensão sapiencial também deve ser constitutiva da Vida Religiosa entre os empobrecidos de nossa Pátria Grande, num quadro de espiritualidade libertadora.

O cativeiro do Império e da Lei que se instalou no pós-exílio, de forma arrogante e virulenta, é o cativeiro encontrado por JESUS ao montar sua tenda no meio de seu Povo. A encarnação de Jesus, sua vida inserida entre os marginalizados, sua prática de vida, sua mística de obediência filial e incondicional ao Pai, cujos prediletos são os pobres, levaram-NO a se defrontar com o poder absolutista de seu tempo. Os Nomes que Lhe são atribuidos, revelam sua identidade mais profunda, a missão por Ele assumida. Na dinâmica dessa missão quis Jesus envolver uma comunidade de seguidores, itinerante, pobre, despreparada, que teve de Jesus especial ternura no processo de sua formação, partilhou das incompreensões e perseguições movidas pelo sistema contra o próprio Jesus. Jesus, no entanto, ao reter o passado e vivendo as contradições do presente, vai percebendo sempre mais claramente os caminhos do Pai que O enviou para ser o Messias-SERVO, a serviço dos pobres e sofredores, do povo de pecadores. Na sua entrega total à missão, e no poder de seu Espírito, Jesus assume a força profética de LUZ DAS NAÇÕES, descrita por Isaías. Na fidelidade a esse Projeto do Pai, enfrenta a morte de cruz. A Ressurreição, porém, legitima sua causa e proclama a justiça de sua vida.

O Evangelho de JOÃO serviu de texto de análise da missão de Jesus como SERVO DE IAHWEH e LUZ DAS NAÇÕES, missão relida pela Comunidade Joanina, a partir da própria situação. Essa Comunidade, em meio às adversidades, faz nova experiência do Deus Iahweh revelado em Jesus Cristo, Morto e Ressuscitado, atuando por seu Espírito, na Comunidade. Descobre a missão que Deus a ela confiava. Percebe qual a prática de vida que lhe era exigida, vida de fraternidade, de resistência na esperança e na fé, no seguimento a Jesus Cristo, apesar dos sofrimentos e conflitos. A Comunidade Joanina é exemplar para as atuais Comunidades latino-americanas.

A mística para a vida comunitária também foi buscada no conjunto dos Evangelhos Sinóticos. Ali, durante o SESBI/0, se pôde encontrar algumas características fundamentais da Comunidade Itinerante que seguia a Jesus:

— seus membros foram convocados por Jesus e por Ele constituídos;

— ficaram com Ele para com Ele conviver;

— seguiam-No como discípulos seus;

— tinham vida em comum, depois de tudo deixarem;

— com Jesus vivem no meio dos pobres e marginalizados;

— são enviados em missão;

— recebem de Jesus, um poder de serviço;

— são seus amigos e não servos;

— formam uma comunidade orante, na escola de Jesus;

— aprendem a viver os apelos de reconciliação;

— são chamados a formar uma comunidade de iguais, de irmãos.

A Vida Religiosa, na definição da própria identidade e missão, ali encontra a trilha da fonte da mística de consagração ao Reino de Deus. Os participantes do Seminário, por grupo de Congregação, foram convidados a avaliar a própria vida comunitária a serviço do Reino, na perspectiva dessas indicações da Palavra de Deus.

Dada a complexidade da atual situação de cativeiro de nossos povos, o SESBI/0 sentiu a necessidade de abordar também o universo da apocalíptica na Bíblia. O Apocalipse de JOÃO, com o apoio de Daniel 8, serviu de guia para a compreensão do conjunto dos textos apocalípticos do AT e NT. A Leitura Orante das Cartas às Comunidades da Ásia Menor (cfr. Apoc 2-3) permitiu que se percebesse a realidade opressora por elas vividas, seus apelos de vida, o gênero literário e a estrutura do livro do Apocalipse. O confronto dessa realidade com a atual, da América Latina, revelou que o apocaliptismo, primo-irmão do profetismo, tem grande sentido para nossas comunidades, nos dias de hoje.

Fazia-se importante uma leitura feminina da Bíblia, com acento em alguns textos privilegiados (RUTE, JOÃO...). Pôde-se aprofundar a consciência do papel e valor da MULHER para o conjunto dos escritos bíblicos, apesar dos percalços culturais levantados em todas as épocas, pelo androcentrismo.

No penúltimo dia do Seminário se deu ênfase à metodologia do trabalho de for-

mação bíblica junto às Comunidades Eclesiais e Religiosas.

O último dia foi dedicado à revisão da caminhada feita e à elaboração da síntese pessoal das descobertas realizadas no decorrer do Seminário de Espiritualidade Bíblica.

Ao longo do SESBI, três manhãs de "deserto" pontualizaram fortemente o caminho percorrido:

— a primeira, com MOISÉS (Ex 3, 1-10; 6, 2-13; 6, 27-7,7; At 7, 20-43);

— a segunda, com MARIA, a Mãe de Jesus (Lc 1,26-56);

— a terceira, com a SAMARITANA (Jo 4, 1-12).

Um "mini-deserto" ocupou a derradeira manhã, para a revisão final e síntese pessoal.

A cada dia do Seminário, além da Leitura Orante pessoal e nos Grupos de Vivência, faziam-se, em plenário ou em Grupo, celebrações envolventes, carregadas da memória das maravilhas de Deus e do empenho por vida nova, à luz da PALAVRA-VIDA diária. O ambiente de fraternidade propiciou muita partilha nessa rica experiência de Deus. Os participantes puderam confirmar sua alegria por encontrar sempre borbulhante água (Is 55,1.6) junto à FONTE DA VIDA, o Deus Uno e Trino. Nesse POÇO puderam encher à saciedade o pote da própria vida, bebendo da espiritualidade que brota da Palavra de Deus.

A Espiritualidade Bíblica foi assim sintetizada ao final do SESBI/0:

A EXPERIÊNCIA de DEUS gera NOVO OLHAR para:

— o PAI como GRATUIDADE, AMOR PRIMEIRO, DEUS DA VIDA: Criador do mundo, PAI de todos os seres humanos.

— o FILHO que se encarna; se faz Caminho: história, processo aberto; assume a margem, o grito de libertação do cativeiro.

— o ESPÍRITO que suscita novas relações: pessoais, comunitárias, sociais; amor a Deus no amor ao próximo; discernimento; transforma e re-cria.

— NOVA MÍSTICA para a MISSÃO, CRISTO, Morto e Ressuscitado.

Todos guardarão no coração, como o fez MARIA, as maravilhas que IAHWEH realizou com seu Povo, e as que, por JESUS CRISTO e no seu SANTO ESPÍRITO, suscitou entre os participantes do SEMINÁRIO DE ESPIRITUALIDADE BÍBLICA.

CERNE — CENTRO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Há 16 anos a CRB Nacional vem oferecendo aos religiosos do Brasil um curso — CERNE — para uma renovação de vida. Tem duração de 47 dias, em regime interno, com programação intensa, incluindo palestras, tempo de interiorização, de oração, experiência de vida comunitária em pequenos grupos, orientação espiritual, dinâmicas de entrosamento, tempo de lazer etc., encerrando com 8 dias de retiro. Normalmente são 3 CERNES por ano. Até o ano passado (92), eram aceitos religiosos a partir de 20 anos de votos. Nesse ano de 93, como experiência, está sendo a partir de 10 anos de profissão religiosa. Experiência essa que vai se prolongar até o ano de 94.

Nesses 16 anos já aconteceram 54 CERNES e 2.500 religiosos passaram por esta experiência, sendo umas 2.000 mulheres e uns 500 homens, provenientes de 190 congregações femininas e 40 masculinas.

Através de avaliações feitas pelos participantes, orientadores espirituais, professores e coordenadores, o CERNE é um instrumento muito importante e de grande valor para a renovação da vida religiosa, tanto no nível pessoal como comunitário, em vista da missão a cumprir na congregação e na Igreja.

Neste ano de 93 já aconteceram CERNEs em Curitiba-PR, com 52 participantes e em Recife-PE, com 51 religiosos. Desde 06/09 a 22/10 está sendo realizado o LIV CERNE em Belo Horizonte-MG, com 54 participantes.

Para 1994 estão programados 4 (quatro) CERNEs, a saber: em Belo Horizonte-MG, em Fortaleza-CE, em São Leopoldo, RS, em Belo Horizonte-MG. Esse último será especial, com menos tempo de duração (35 dias), para religiosos de mais idade. Os(as) superiores(as) provinciais já devem ter recebido a circular da CRB com todas as informações sobre datas, locais e inscrições, bem como as Fichas para inscrições.

Termino com depoimentos de ex-cernistas (CERNE LIII-Recife):

"O CERNE foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida..."

"Encontrei o que buscava há muito tempo... parar para abastecer e continuar vibrando com a vida e a vida religiosa..."

"Pude recriar minha vida em vista da missão; aumentou o ardor pela causa do Reino e o desejo de cultivar uma vida espiritual mais intensa..."

"Tive coragem para fazer uma síntese de minha vida..."

"Despertou as forças adormecidas, animou a caminhada espiritual e a missão. Ajudou a me libertar de complexo de inferioridade. Abriu portas para o amor: amar e ser amada..."

Pe. Alberto Pasquoto, CSSR
Diretor do CERNE

Não discriminar por motivo algum

Irmãos e Irmãs Indígenas: Sei que quereis ser respeitados como pessoas e como cidadãos. A Igreja faz sua, esta legítima aspiração, já que a vossa dignidade não é menor que a de qualquer outra pessoa ou raça. Todo homem ou mulher foi criado à imagem e semelhança de Deus. E Jesus, que mostrou sempre a sua predileção pelos pobres e abandonados, diz-nos que tudo o que fizermos ou deixarmos de fazer a um "destes irmãos mais pequeninos", a Ele mesmo o fizemos. Ninguém que se honra do nome de cristão pode desprezar ou discriminar por motivos de raça ou cultura. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

DESAFIOS MISSIONÁRIOS HOJE NA VIDA RELIGIOSA

A Vida Religiosa é a consagração radical
da pessoa humana a Deus
até o nível de reciprocidade afetiva
com toda a experiência
de presença e diálogo interior que isto inclui.

Dom Luciano Mendes de Almeida, SJ
Presidente da CNBB — Brasília, DF

Os desafios missionários hoje despertam na Igreja e na Vida Religiosa uma consciência e responsabilidade maior e exigem a resposta de um novo ardor missionário para anunciar Jesus Cristo.

I. A SITUAÇÃO ATUAL E OS DESAFIOS MISSIONÁRIOS

A humanidade continua dividida e sofrida.

a) O secularismo que nega a Deus ou que considera Deus como alienação do homem, negando a dependência do Criador (154) conduz às idolatrias do ter, do poder e do prazer e faz perder o sentido da vida, reduzindo o ser humano a mero valor material.

b) Tanto o indiferentismo como o secularismo minam a moral porque deixam o comportamento humano sem fundamento para seu valor ético e por isso caem no relativismo e permissivismo que caracterizam a sociedade atual (155).

c) Segue-se a frustração do homem e a desordem axiológica. A riqueza é assumida como valor supremo na prática — e a sociedade se volta para o lucro, acumulação de bens e o descaso pela dignidade da pessoa humana.

d) Continua atuante a violência que gera guerras, guerrilhas, assaltos e seqüestros.

e) Permanecem enormes injustiças sociais na relação de países de Primeiro e Terceiro mundo, e no interior das mesmas nações subdesenvolvidas, causando miséria, desnutrição, enfermidades e analfabe-

tismo. Aumenta o número dos excluídos, da massa sobrante.

f) No campo da bioética crescem a manipulação da vida, o atentado contra o nascituro e a matriz da vida.

g) Agitam os povos e nações, turbulências e dinamismos, o racismo e rivalidades tribais, luta de classes e fanatismo e conflitos religiosos.

II. FRENTE A ESTES DESAFIOS, A IGREJA ANUNCIA JESUS CRISTO

2.1. A *Missão* da Igreja é evangelizar, isto é, consolidar a comunidade eclesial para que possa anunciar a Jesus Cristo e sua mensagem e contribuir para a sociedade justa e fraterna que é sinal do Reino de Deus.

2.2. *O conteúdo da mensagem*

O Evangelho deve ser anunciado como novidade radical, em sintonia com a profunda aspiração humana de libertação, em contraste, hoje e sempre, com o espírito do mundo marcado pelo pecado.

Isto implica uma firme convicção de que Jesus Cristo é a única salvação para o mundo contemporâneo. Aquele que responde a suas necessidades mais autênticas. É preciso, portanto, evitar toda espécie de derrotismo, timidez e insegurança e proclamar o Evangelho "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre".

Implica também, *proclamar o Evangelho* em sua dimensão escatológica e gratuita de salvação. É algo totalmente diferente das propostas meramente humanistas de salvação intramundana. Estamos de acordo em que os cristãos devam empenhar-se para realizar "a civilização do amor", mas este empenho terá de ser feito à luz do Mistério Pascal, e à luz da gratuidade e transcendência da salvação. Jesus Cristo nos comunica amor universal e perdão aos inimigos e a certeza da vida eterna.

O anúncio será feito não só pela palavra, mas pelo *testemunho* de amor gratuito, renúncia e de sacrifício de vida presente, em favor dos irmãos e com a esperança da vida futura. A entrega da vida é a prova do amor.

Na promoção dos "valores evangélicos", como o diálogo pela paz, a nobre luta pela justiça, a promoção da mulher e da criança, a proteção da natureza é necessário manter sempre firme a *prioridade das realidades transcendentais* e *espirituais*, primícias da salvação escatológica. A dimensão temporal do Reino permanece incompleta enquanto não se ordena à plenitude escatológica do Reino de Cristo (RM, 20).

2.3. *Surgem campos privilegiados para a Nova Evangelização.*

a) *Desejo de vida espiritual.*

O mundo de hoje, desiludido cada vez mais pela busca do prazer,

pela invasão da droga e pelo desatino do terrorismo, experimenta forte sede de Deus e de valores espirituais. Compete à Igreja, Mestra de Oração, saciar este anseio profundo de vida espiritual.

b) *Anúncio do Reino à todos os povos.*

Jesus Cristo nos dá a vida para anunciá-la a todos. Assim, sob a ação do Espírito Santo, devemos viver a unidade das Igrejas na caridade, alimentados pela Palavra, pela Eucaristia e pelos Sacramentos, e pela nossa vida em comunidade, testemunhar os valores do Evangelho e provocar a conversão, conduzindo os homens e mulheres à salvação (EN. 15).

Abre-se aqui o largo campo da ação evangelizadora:

procurar vivificar a fé dos batizados afastados;

consolidar o espírito e trabalho ecumênico;

encontrar caminhos mais eficazes para alcançar a união entre os irmãos em Cristo;

lançar-se com vigor à missão "ad gentes";

levar adiante o diálogo com o povo judeu;

promover sempre mais o diálogo inter-religioso, oferecendo o anúncio integral do Evangelho e criando laços de confiança e proximidade;

chamar os sem Deus e os indiferentes.

c) A exemplo de Jesus Cristo e de sua opção pelos pobres, *ouvir o clamor dos pobres, assumindo a promoção integral da pessoa.* Na extrema pobreza e injustiça, a Igreja vê uma interpelação de Deus que nos move a denunciar e combater o pecado, e a anunciar e promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme a dignidade de todos e cada uma das pessoas, defendendo a vida desde o primeiro momento da concepção até o termo natural da fase temporal e implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todos o horizonte da eternidade.

d) *Empenhar-se para uma evangelização inculturada.*

Eis aí o novo desafio. Fazer penetrar o Evangelho até o centro dinâmico da cultura de modo que as pessoas possam pensar, julgar e agir, conforme os valores cristãos. O processo de inculturação permitirá aos cristãos, não só corrigir e aperfeiçoar as culturas, mas enriquecer-se com os elementos positivos das diferentes culturas.

Aqui se insere o desafio de evangelizar as grandes cidades, com especial atenção às massas de trabalhadores dos centros urbanos industrializados aos subempregados, aos marginalizados e excluídos, que formam as massas sobrantes, sempre mais relegadas ao anonimato.

Pertence à Nova Evangelização entrar no mundo das comunicações modernas.

e) *Valorizar os pobres, leigos e jovens como sujeitos desta Evan-*

gelização que proclama a dignidade da pessoa à luz do Evangelho, a qual está na origem da sociedade justa e pacífica.

f) *Respeitar o pluralismo cultural e religioso,* a pertença simultânea a múltiplas instituições.

III. A RESPOSTA DA VIDA RELIGIOSA

Desejamos apresentar esta resposta explicitando três elementos próprios da Vida Religiosa que potenciam a beleza da Vida Cristã e atraem para a imitação mais fiel de Jesus Cristo.

1. A Fé e o amor específico da Vida Religiosa a Jesus Cristo.

2. O dinamismo dos Conselhos Evangélicos à luz da opção preferencial pelos pobres.

3. O compromisso missionário e as formas inseridas de presença da Vida Religiosa.

1. A fé e o amor específico da Vida Religiosa a Jesus Cristo

Se todos somos chamados a crer no amor de Deus, há, no entanto, alguns que são "*possuídos*" por este amor em nível tão profundo que levam sua fé até a consagração total a Jesus Cristo, abandonando a Ele a vida e colocando nEle toda a esperança de realização afetiva humana.

a — Jesus em sua vida foi revelando aos discípulos seu amor total ao Pai. Os discípulos foram aos poucos percebendo que Ele vivia em seu íntimo um amor diferente de tudo o que eles conheciam e que lhe conferia uma plenitude afetiva incomparável.

Era *pelo Pai que Jesus se deixava possuir* nas horas silenciosas da noite ou cedo antes do amanhecer (Mc 1,35; Lc 6,12). Era no Pai que encontrava alento, coragem e a razão de ser de sua vida (Jo 4,34; 5,30; 6,38). Do imenso amor ao Pai nascia a compreensão pelos pecadores, a alegria pela revelação feita aos pequeninos e pela beleza dos lírios do campo. Seu amor encontrava tempo para entreter-se com as crianças (Mt 19,13), preocupava-se com a pobre mulher encurvada (Lc 13,12), compadeceu-se do leproso e do cego, foi procurar os homens perdidos e as mulheres em pecado.

Jesus aparece entre nós como totalmente esquecido de si, como o homem-para-os-outros, no dizer de Paulo VI. Este amor, esta realização afetiva tão plena, levou-o à morte, ao dom consciente de si, como prova de amor ao Pai e a nós (Jo 14,31; 15,13).

b — O que nos maravilha é que este mistério da vida íntima de Jesus para com o Pai, tenha se *comunicado às pessoas humanas.* Há pessoas que parecem, à primeira vista, viverem sós e, no entanto, possuem um equilíbrio afetivo, constância nos sofrimentos, tranqüilidade nas vicissitudes, que aos poucos revelam a presença interior de Alguém. Há homens e mulheres que têm Deus presente em seu

íntimo, como o Pai estava presente em Jesus. É o próprio Deus que está vivo em suas consciências, desde quando despertam até quando adormecem. É uma presença do tipo da amizade interpessoal, no entanto mais íntima, mais profunda do que a própria presença afetiva resultante da consagração conjugal.

c — Eis aí o que constitui, a nosso ver, o núcleo da vida religiosa. Ela é uma experiência total de fé em Jesus Cristo pela consagração imediata a Deus de toda a existência.

d — Quem assume a vida religiosa é chamado a experimentar este amor profundo de Deus com a força de um amor *esponsal, imediato e total.* Nisto consiste a realidade da consagração religiosa. É a *imediação e a totalidade* do amor prioritário a Deus que oferece à pessoa na vida religiosa uma possibilidade insuspeitada de integração do próprio eu. Aquele que me integra existencialmente com seu amor é Deus mesmo, o único que atinge *o núcleo mais profundo de meu eu,* ali onde não pode penetrar nenhum amante humano. Nem, entre este amor profundo de Deus e meu eu, há outro amor de mediação.

e — É aqui que a vida religiosa pode alcançar toda sua *originalidade.* A reciprocidade afetiva própria de amor humano, e especialmente da união conjugal, tornou-se imagem daquela a que é chamado o discípulo do Cristo pela sua consagração religiosa.

Pela consagração religiosa da pessoa humana a Deus, fecha-se o *ciclo da reciprocidade no amor.* Deus ama, possui a criatura. A pessoa humana amando, deixa-se possuir pelo seu Criador, a ponto de poder expressar-se com verdade: "Meu Deus, sou todo teu".

f — A presença de Deus não é indigente de sinal como o amor humano que precisa da corporeidade para se manifestar. Ela é *interior* ao espírito do homem e se revela no momento mesmo em que Ele se abre à verdade de Deus que o ama. Deus está presente em sua transcendência.

Pela Ascensão, ao voltar para o Pai (Jo 14,28) *Jesus tornou-se interior* aos homens, como o Pai é interior a Ele. (Jo 14,20 e 23; 17,23). A Fé em Jesus Cristo inclui a certeza de que Aquele a quem nos consagramos vive em nós pelo amor, é-nos mais íntimo do que nosso íntimo (1 Jo 4,9 e 5,11-12).

O amor humano é frágil, e às vezes, a infidelidade do amado vem destruir toda esperança de felicidade longamente acalentada. Quando é a Deus que nos consagramos, seu amor é verdadeiro, eterno e *fiel* (Cor 10,13).

g — Esta presença interior de Deus tende a tornar-se *cada vez mais consciente* no religioso, na medida em que progride a sua vida de consagração.

Há uma presença latente e constante de Deus que eclode nas grandes alegrias e sofrimentos. Nas

ocasiões em que a pessoa se torna presente a si, encontra-se misteriosamente presente diante de Deus. Expande-se nos momentos de plenitude num diálogo de ampla comunicação. É este diálogo interior que constitui a oração espontânea do religioso. É fruto de uma atuação do amado no íntimo do próprio eu (*fundus animi*). Até mesmo a desolação, quando Deus parece ausente, é expressão de amor que cresce pelo desejo de possuir permanentemente o Amado.

Temos, assim, que a vida religiosa pode se definir como "*a consagração radical da pessoa humana a Deus até o nível de reciprocidade afetiva, com toda a experiência de presença e diálogo interior que isto inclui*". É uma vivência toda especial de comunhão com Deus, cuja característica é a de oferecer o nível mais alto de intersubjetividade amorosa possível a uma pessoa humana, pela presença do amado *interior* ao amante, *contínua* e *para além da mediação corpórea* e da infidelidade do amado.

Este "*estado de consagração*" pode se tornar cada vez mais forte e chegar a uma reciprocidade afetiva entre o religioso e Deus, que se traduz por um diálogo interior constante e por uma intencionalidade amorosa capaz de ir transformando cada ação do homem em sinal de comunhão com o Amado.

É no imediatismo desta intercomunicação amorosa entre os homens e o Pai, que Jesus Cristo continua a viver neste mundo a própria devolução eterna de seu amor ao Pai.

h — O amor a Jesus Cristo tem poder de *reduzir todo outro amor à sua unidade*. A adesão amorosa a Jesus Cristo envolve todos aqueles que Ele ama. Abraça a todos, mesmo aqueles que seríamos antes levados a rejeitar ou ignorar.

O religioso, experimentando-se amado por Deus até a consagração afetiva, sente-se *pequeno e pobre* diante da gratuidade do amor. E faz, então, uma descoberta preciosa, a da amabilidade de toda a pessoa humana. "Se, sem nada merecer de minha parte, eu que não sou melhor do que ninguém, sou assim amado por Deus, é, então, verdade que Deus ama todos os irmãos." A experiência da suma gratuidade da vocação religiosa é que está na raiz da compreensão da universalidade do amor de Deus a todos os filhos.

Nesta experiência está a fonte do dom gratuito aos outros, que é dos elementos constitutivos da vida religiosa. Sendo gratuitamente possuído por Deus, experimenta o religioso, de modo forte o amor desinteressado e primeiro de Deus — o ágape — e deixa-se transformar pelo amado, até imitar seu gesto em relação a todos os irmãos. Entra em comunhão com o Amado e doa-se, como Ele, aos pobres, aos desamparados, ao doente e ao aflito, na linha da alegria messiânica de que nos fala Jesus (Lc 14,14).

É o amor de Deus que ao mesmo tempo o plenifica e o impulsiona a

repetir alegremente o gesto de gratuidade.

i — No contexto da vida consagrada é ainda a experiência do amor gratuito de Deus que solidifica o *vínculo da comunhão religiosa.* A vida fraterna no seio da vida religiosa tem por fundamento a experiência comum de serem *todos gratuitamente amados e chamados por Deus.* Para além da carne e do sangue, da raça ou da classe, estabelece-se uma afinidade entre os que se experimentam imerecidamente escolhidos por Deus.

O amor prioritário a Jesus Cristo, em nível de consagração, confere, assim, ao religioso, não só a possibilidade de *reduzir à unidade todo outro amor* mas abre o horizonte de sua doação para todos os irmãos, assumindo-os no que têm de mais íntimo, isto é, na verdade de que a todos Deus ama e a todos pode transformar e plenificar.

j — Podemos assim concluir descrevendo a vida religiosa como uma *experiência qualificada de comunhão com Deus e com os irmãos.* Somos chamados, como os primeiros discípulos, a reviver ainda hoje a própria vida afetiva de Jesus Cristo, possuído pelo amor do Pai, no imediatismo de sua consagração filial e de sua dedicação a todos os homens.

Na raiz da vida religiosa está o *ato de fé incondicional no amor de Deus* que nos convida a revivermos o mistério da vida íntima de Jesus Cristo. A fé em Jesus Cristo que envolve toda a nossa experiência oferece-nos a plenitude da vida afetiva humana.

Como em toda vida humana fica um *risco,* o de nos fecharmos ao amor. Fica também, uma *esperança,* a de nos deixarmos totalmente possuir por Deus, confiando a Ele a nossa realização afetiva como pessoa humana. Na medida em que isto se verificar e pudermos irradiar essa plenitude interior até o dom alegre aos irmãos, sobretudo aos mais deserdados, a vida religiosa surgirá no meio do povo de Deus, como *sinal de que Deus ama a todos já que a nós,* pobres e sem merecimento, *comunica tão fortemente a experiência de seu amor.*

2. O dinamismo dos Conselhos Evangélicos à luz da opção preferencial de Jesus pelos pobres.

a — A carta aos Filipenses 2,9 revela-nos que Cristo, o Filho de Deus, não considerou regalia a sua condição divina, mas quis assumir e experimentar a condição de servo, fazendo-se verdadeiramente um de nós. Ele quis passar por essa experiência de viver a vida que vivemos. Jesus desce ao mais fundo do poço existencial da humanidade: é a solidariedade total.

A "OPP" tem como referência fundamental a pessoa de Jesus. É a perspectiva do Reino que a fundamenta (RMi 14). O próprio Deus para se revelar e fazer presente o Reino em Jesus Cristo, pela ação do Espírito, escolheu o caminho da solidariedade com os pobres. A opção pelos pobres

tem, por isso, uma dimensão teologal: nasce do próprio desígnio salvífico de Deus. É "essencialmente baseada na Palavra de Deus". Nesse sentido, entende-se bem porque os Bispos em Santo Domingo dizem que é "com o potencial evangelizador dos pobres (DP 1147) que a Igreja pobre quer impulsionar a evangelização de nossas comunidades" (DSD 178b).

A OPP faz parte integral da tradição teológica e pastoral da Igreja.

A categoria que nos ajuda a aprofundar a figura de Jesus de Nazaré, o Cristo, é a da *solidariedade.* Compreende-se melhor sua Pessoa e sua obra, acompanhando-o na aproximação ao outro, no compromisso de vida, pela solidariedade com o pequeno, o pobre, o doente, o pecador, a mulher marginalizada, enfim os "rostos sofredores" de todos os tempos.

Os pobres se tornam, então, mediação necessária para desvelar a figura de Jesus. Nos rostos sofredores dos pobres podemos descobrir "o rosto do Senhor".

O Filho de Deus, se aproximou e se fez solidário não como alguém "de fora", exterior ao drama da vida humana. Na realidade, ele se une a nossa humanidade (cf. GS 22; SDO 13), reconhecendo-a na sua diferença, na sua alteridade, não para invadi-la, mas para assumi-la e libertá-la desde dentro.

Jesus, inserindo-se na história de seu povo, se identifica com ele, até as raízes de sua identidade. Pode assim compreendê-lo. Abre-se à compaixão e à misericórdia ante a multidão. Acolhe os pecadores, os pequenos e marginalizados. Com gestos e palavras resgata a identidade e a dignidade perdida dos excluídos e deserdados.

b — A exemplo de Jesus, a Igreja e a VR devem conforme a mística da opção preferencial pelos pobres recuperar esta dimensão de plena solidariedade. O amor se revela a quem deve ser salvo no momento em que ele percebe a força da participação que leva o religioso a se identificar gratuitamente com os mais sofredores.

É dentro desta perspectiva que entendemos o Homem das dores, o Servo sofredor de Isaías. Percebemos, também, o dinamismo do Evangelho, revelado na vida de Charles de Foucauld, em meio aos tuaregues e de tantos outros.

Não basta se empenhar ao religioso e ao missionário, com ardor, numa ação de promoção, para fazer que os pobres tenham certos benefícios que não possuíam. Há um desejo de *experimentar* a situação de carência, de *empobrecimento existencial* em companhia dos outros que sofrem. Essa é, sem dúvida, missão típica da VR na Igreja, a exemplo do dinamismo da Encarnação de Jesus, que identificou-se com os pobres e sofredores e "bebeu o cálice" até o fim.

c — A opção preferencial, não exclusiva nem excludente, pelos pobres vem assim dinamizar a vi-

vência dos Conselhos Evangélicos numa linha de profunda solidariedade:

— Dinamiza a *pobreza* levando o religioso a assumir por amor a solidariedade a vida simples, austera, árdua para partilhar a condição daqueles que são pobres e a quem ama como irmãos.

— Dinamiza a *castidade* enquanto descobre uma razão nova para vivê-la: a solidariedade com os que não podem se casar ou após terem se casado não têm mais condições de contrair matrimônio. É a situação dos doentes, deficientes, encarcerados, divorciados. Prefere o religioso, imitando a Cristo, identificar-se com os que não podem realizar a experiência conjugal.

— Dinamiza também a *obediência*, levando os religiosos a se solidarizarem com os milhões de pessoas que dependem na própria vida de outros, no trabalho e na obediência para o próprio sustento.

3. O compromisso missionário e as formas inseridas de Vida Religiosa.

Em conseqüência à OPP os religiosos são chamados a assumir as tarefas mais árduas e difíceis entre os mais pobres.

a — A Vida Religiosa hoje, na sua atuação pastoral da inserção mais concreta, está visibilizando uma das realidades mais importantes do mistério salvífico, que é justamente este encarnar-se, este participar de tudo menos do pecado. Toda a riqueza do texto Fl 2,9 revive através dos tempos pela ação da VR seguidora de Cristo, missionário do Pai.

Assim, é este o dinamismo da inserção solidária que faz o religioso e o missionário, *por amor*, assumir a condição dos que ama. Compreendemos, então, a ação da VR na Igreja que, em seu dinamismo salvífico, leva a inserção até manter, por longos anos, missionários junto aos povos autóctones e no meio de pequenos grupos em desaparecimento.

Quem assume esse dinamismo de inserção está vivendo a grande força salvífica que é a de *mostrar o amor*, participando da situação daqueles a quem amamos, por mais dura que seja a realidade. Aqui não entram critérios de eficácia diretamente constatável. É um mistério de fé que reflete e refaz a Encarnação libertadora de Cristo.

b — À luz dessas considerações, quem sabe, podemos entender melhor algumas atividades, atuações e comportamentos da vida religiosa hoje. Por exemplo: As irmãs se inserem nos meios pobres, os missionários não só visitam, de tanto em tanto, as tribos indígenas mas convivem com os índios. Não os trazem para a cidade, não fazem cidades novas, mas procuram viver com eles nas tabas.

O religioso-missionário sabe que está constantemente vitalizando o que há de mais forte no processo da salvação que é, como Jesus, ficar ao lado da pessoa humana, da-

quele que deve ser salvo para compartilhar com ele a situação em que se encontra e, assim, mostrar através da verdade de sua presença como *sinal evidente*, a sinceridade da sua intenção salvífica (2 Cor 8,9). "Vede a sinceridade da caridade de Cristo".

c — O missionário religioso aprende, também, a *respeitar* e valorizar a contribuição de uma população indígena na qual deve descobrir as "sementes do Verbo" e a ação do Espírito. Assim também, na caminhada das comunidades, temos de dignificar a palavra do mais simples, do mais pobre, do sofredor, do idoso, do jovem ou da criança — toda ela é importante, porque todos são conduzidos pelo Espírito.

Isto nos faz também muito abertos e humildes, sabendo "dar e receber".

Cria-se uma conceituação missionária muito especial, muito profunda, porque nunca somos os que apenas damos, mas também recebemos.

Há uma mística, dentro dessa encarnação que é ao mesmo tempo, humilde e enriquecedora e cheia de novidade.

d — Assim, parece-me que a experiência de Vida Religiosa encarnada, que vive o dinamismo da solidariedade, é uma experiência de Igreja *rica em comunhão*. É uma Igreja que saboreia e usufrui a "koinonia". Um missionário religioso que deixa sua terra natal e assume presença entre populações indígenas, vive a experiência de comunhão. Isso vale "em si mesmo". O valor do processo nasce do fato de que já é uma experiência de comunhão, apesar das presentes limitações.

O mistério da Igreja e da V. Religiosa não está em ações espetaculares, mas em conseguir — sob a ação do Espírito — despertar e intensificar a dimensão de "koinonia" em toda a história da humanidade.

Isso é feito livremente, sob a ação do Espírito, e é feito sacrificadamente no cotidiano das situações, em que, por amor, nos encontramos.

IV. VICISSITUDES QUE A VIDA RELIGIOSA ENFRENTA NO SEU TESTEMUNHO E MISSÃO.

4.1. *Dificuldade em assumir uma decisão plena e defintiva.*

Isto acontece também no caso dos que se casam; não conseguem se comprometer por toda a vida. Na mesma situação encontram-se alguns candidatos à Vida Religiosa e ao celibato sacerdotal. Como ajudar os jovens a se definirem diante do futuro? Às vezes o oferecimento de um acompanhamento psicológico não atinge os valores religioos mais profundos. Ajuda muito para o amadurecimento a contemplação de Jesus Cristo e dos que a Ele se consagram, a começar da Virgem Maria, principalmente quando sob a forma de exercícios

espirituais personalizados e prolongados, permitindo ao religioso a opção livre.

4.2. *Equívocos na vivência da solidariedade com os mais pobres e no processo de comunidades inseridas.*

Às vezes faltou a devida preparação e com a mudança repentina de ambiente e costumes, perdem-se valores que são devidamente substituídos. Dá-se um esvaziamento na vida de oração e na motivação interior. Segue-se daí a falta de discernimento nas situações concretas da vida de pobreza e castidade e inserção institucional. É indispensável nestes casos a revisão de vida com a presença do Superior.

4.3. *Tensões entre a vida comunitária e a ação pastoral.*

O vínculo comunitário é constitutivo da Vida Religiosa e não pode faltar. O detrimento na vida comunitária prejudica a própria vivência dos votos e esvazia a ação pastoral. Nas comunidades inseridas é ainda mais importante a oração em comum e o discernimento apostólico.

4.4. *Individualismo e conflitos na ação pastoral.*

Mesmo quando os religiosos vivem na mesma comunidade não conseguem apoiar-se em seus trabalhos apostólicos. A tensão é maior, quando na mesma província ou casa as atividades pastorais obedecem a critérios diferentes e se separam, ao invés de se enriquecerem na complementariedade dentro do mesmo carisma.

Este é um tema indispensável para capítulo provincial.

4.5. *Dificuldades de critérios entre comunidade local e superiores maiores.*

O caso é mais freqüente na Vida Religiosa feminina, quando a experiência de inserção caminha sem a devida direção e apoio, especialmente quando o Governo Geral vive em outro contexto. É claro que há riscos para os religiosos que exercem sua missão em comunidades inseridas ou em postos de vanguarda, mas isto pode ser de grande fruto de evangelização, embora seja necessário ainda a maior formação espiritual e a participação dos superiores. O certo é que a Vida Religiosa não pode estar ausente dos ambientes de pobreza e miséria onde vive a maior parte do nosso povo.

4.6. *Falta de entrosamento entre duas orientações dos superiores religiosos e da Igreja local.*

Aqui é indispensável o diálogo constante conforme "Mutuae Relationes" para maior comunhão na vida pastoral sob o pastor da Igreja local.

4.7. A dificuldade em assegurar a conveniente formação devido a diversidade de situações novas, para a Vida Religiosa tradicional:

Agressão dos meios de comunicação, permissividade moral, miséria do povo. Isto atinge sobretudo o trabalho dos formadores de noviços e juniorado. Valor dos experimentos mais exigentes de oração, pobreza e serviço aos pobres.

4.8. *A confusão quanto aos valores e uso da liberdade:*

Que impede a reta compreensão da obediência, do serviço e do vínculo comunitário. Estas e outras dificuldades colocam a Vida Religiosa num constante processo de aperfeiçoamento espiritual para garantir a fidelidade à consagração a Cristo e o testemdnho de vida para o povo de Deus e a frutuosa ação missionária. Cada época tem seus desafios e méritos que revelam a força do Espírito para o seguimento de Jesus Cristo.

V. ASPECTOS POSITIVOS DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL

Sem dúvida, estes mesmos aspectos se verificam em outros países e situações. Refiro-me ao Brasil por ser o lugar em que melhor posso acompanhar a vida religiosa. Temos que agradecer a Deus os benefícios que a Vida Religiosa oferece à Igreja.

5.1. Em primeiro lugar a *união sintonia entre a Conferência Episcopal e a Conferência dos Religiosos.* São mais de 30 anos de convivência fraterna e harmoniosa em constante espírito de colaboração. O mesmo espírito tem se manifestado na comunhão entre Clero Secular e Regular, Religiosos e Religiosas. O desafio está em como conservar este dom precioso da comunhão.

5.2. A presença da Vida Religiosa *na linha de frente da Igreja,* nos hospitais pobres, nas regiões da Amazônia, nos bairros de miséria, nos cortiços das grandes cidades, a atenção à mulher marginalizada. Oferecem um exemplo de dedicação generosa como um testemunho de entrega da vida, vítimas da violência na defesa dos índios, dos camponeses e dos mais pobres.

5.3. O esforço de *cooperação entre as congregações religiosas* na linha de formação permanente, espiritual e teológica e trabalhos em conjunto através das iniciativas da Conferência dos religiosos.

CONCLUSÃO

A Vida Religiosa permanece o dom de inestimável valor de Jesus Cristo à sua Igreja. Se surgem novos desafios, não faltam a presença do Criador e o dom de seu Espírito o exemplo da Mãe de Deus, a condução do sucessor de Pedro e dos pastores, a oração e apoio do povo de Deus, assegurando o florescimento sempre mais belo da vida contemplativa e ativa.

O Pai revela o mistério de sua Infinita Bondade, fazendo que neste mundo de ódio, pecado e divi-

são, brotem frutos sempre mais abundantes de santidade, comunhão eclesial e difusão do Reino de Deus.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Releia os campos privilegiados para a Nova Evangelização que o autor elenca no número 2.3. do artigo. Quais seriam aqueles que parecem ser a necessidade prioritária para o Povo de Deus onde sua comunidade atua, atendendo aquilo que seja próprio do carisma congregacional?

2. Dom Luciano define a Vida Consagrada como a "radical consagração da pessoa humana a Deus até o nível de reciprocidade afetiva com toda a experiência de presença e diálogo interior que isto inclui". Que conseqüências o autor tira deste conceito para a doação aos outros (letra h) e para a vida comunitária (letra i)?

3. Como conseqüência da opção preferencial pelos pobres os religiosos(as) são chamados a inserir-se de forma inculturada nas tarefas mais difíceis entre os mais pobres, "participando de tudo, menos do pecado". Como você verifica isto no seu trabalho pessoal e na atuação de sua comunidade apostólica? □

Não destruir, mas respeitar as diferenças

A fé supera as diferenças entre os homens. A fé e o batismo dão vida a um novo povo: o povo dos filhos de Deus. Contudo, mesmo superando as diferenças, a fé não as destrói mas respeita-as. A unidade de todos nós em Cristo não significa sob o ponto de vista humano, uniformidade. Pelo contrário, as comunidades eclesiais sentem-se enriquecidas, ao acolher a multíplice diversidade e variedade de todos os seus membros. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

A Igreja defende a identidade indígena

A Igreja anima os indígenas a conservarem e promoverem, com legítimo orgulho, a cultura de seus povos, as tradições e os costumes, o idioma e os valores próprios. Ao defender a vossa identidade, não só exerceis um direito, mas cumpris também um dever de transmitir a vossa cultura às gerações vindouras, enriquecendo deste modo toda a sociedade. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

PROFETISMO HOJE NA VIDA RELIGIOSA

SOBRE O FUTURO DA VIDA RELIGIOSA INSERIDA

O que há com a opção preferencial pelos pobres? O que há com a Vida Religiosa Inserida? Há futuro para esta forma religiosa de viver-se o seguimento de Cristo? A VRI justifica-se a si mesma.

Pe. Alexandre Otten, SVD
São Paulo, SP

As interpelações à Vida Religiosa na América Latina

A Vida Religiosa (VR) na América Latina, na atual conjuntura, passa por grandes desafios. A queda do socialismo real repercutiu na aceitação da TdL. Há gente que acha que o seu tempo já passou. A plausibilidade anteriormente fácil da opção pelos pobres hoje está sendo questionada. O trabalho pastoral popular que absorveu a vida de grande parte dos/as religiosos/as parece não estar indo para a frente. A derrota de Lula nas eleições para presidente deixou profundas marcas de desalento. A transferência de bispos ou a nomeação de outros, que resultam em ruptura de anos de caminhada, demonstram o descaso da instituição quanto ao trabalho realizado pelos agentes junto ao povo em prol de mudanças sociais. São muitos os fatores que causam desânimo e fazem com que muitos de nós se perguntem a respeito de como continuar o trabalho com e em favor de um povo que quer viver dignamente. Como uma grande parcela dos/as religiosos/as está envolvida nesta missão, é normal a VR ficar afetada por estas mudanças. A parte da VR, porém, que mais foi atingida é a dos/as religiosos/as inseridos/as. A Vida Religiosa Inserida (VRI) é "expoente" de tudo aquilo que está em mudança ou crise. A VRI, fruto de décadas de dedicação à vida do povo, tem futuro?

Se, na América Latina, existe esta particular constelação dos fatos constituindo uma interpelação à VR e, em especial à VRI, há, em plano de Igreja mundial, uma outra provinda do sínodo dos Bispos anunciado para o ano 1994. Qual seria o papel da VR na renovação à qual toda a Igreja se submete no limiar do Terceiro Milênio? Onde estão suas forças e suas fraquezas, Ela será capaz de dar a sua contribuição para a "Nova Evangelização"? Segundo as palavras do Papa querem os bispos ajudar-nos "a ser fermento evangélico e evangelizador das culturas do terceiro milênio e dos ordenamentos sociais dos povos" (Lineamenta, nº 3). Na Europa, religiosos pronunciaram a suspeita de que os bispos não contam mais com a ajuda das instituições religiosas na missão de re-evangelizar o continente. Confia-se mais em outras forças, provavelmente nos Novos Movimentos Eclesiais como os são o Opus Dei, os Cursilhos de Cristandade, os Focolares, a Renovação Carismática, a Comunhão e Libertação, os Encontros de Casais com Cristo, o Neocatecumenato, etc. Se na Europa a desconfiança na força da VR se refira, talvez, mais à falta de vocações e ao envelhecimento de seus quadros, pode-se dizer que, quanto à VR na América Latina, existe também desconfiança, mas ela provém da "opção preferencial pelos pobres". Outra vez, a parte mais atingida pelas interrogações seria a VRI, que, de maneira mais radical, vive a "opção pelos pobres".

O que há com a "opção preferencial pelos pobres"? O que há com a VRI? Há futuro para esta forma religiosa de viver-se o seguimento de Cristo? Para quem vive a inserção provavelmente a pergunta nem surge, pois a VRI justifica-se por si mesma. Mas, se quisermos dar-nos conta das nossas razões, quais são?

Os "lineamenta" e a "opção preferencial pelos pobres"

Segundo os "lineamenta" continua inquestionado o fato de que, "não há, decerto, incompatibilidade entre a vida consagrada e a opção pelos pobres do Senhor". (nº 44) A inserção no meio do povo pobre constitui uma forma válida da VR. Mas os autores do documento consideram os/as religiosos/as que fazem tal opção capazes de graves desvios e, deste modo, fazem algumas ressalvas que revelar-se-ão incisivas: "É preciso evitar que uma tal opção entre em conflito com os elementos essenciais da vida consagrada e do próprio carisma, em prejuízo da comunhão com Deus e com os outros irmãos e irmãs. A opção pela pobreza não se deve tornar ideologia condicionante e exclusiva, ao ponto de criar divisões internas, contestação da doutrina e das normas dos Pastores da Igreja. Não deve ceder à tentação de opções ideológicas incompatíveis com a vida de fé e com a comunhão eclesial." (nº 44) Na VRI estão em jogo ou correm sério risco elementos essenciais da VR como os são: o "próprio carisma", a "comunhão

com Deus e com os irmãos". Há perigo de "ideologia condicionante e exclusiva", de "contestação da doutrina e das normas dos Pastores da Igreja". Será que com estas advertências existe ainda esta compatibilidade da opção preferencial pelos pobres com a VR, que os autores asseguram aos/às religiosos/as inseridos/as?

A suspeita com que é tratada a VRI não é tão nova. Parece que a hierarquia quer a reforma de uma maneira conservadora e evita qualquer inovação numa volta aos esquemas antigos. Ademais, parece estar alheia às experiências novas feitas pelos/as religiosos/as inseridos/as desconhecendo as angústias, os anseios e os desafios que estão sendo experimentados por muitos deles/delas neste continente. Se houver incompreensões, desentendimentos, desgastes de simpatia entre o Papa e os religiosos do Brasil, então estes se devem mormente a posições pouco compreensíveis e, igualmente, pouco dialogizantes do Vaticano quanto à situação da VR na AL e no Brasil.

Duas visões de mundo

Por que há estas suspeitas e incompreensões? Na raiz delas deve haver, talvez, não tanto falta de boa vontade, mas uma diferença profunda na interpretação da realidade. Estamos vivendo uma "crise de civilização", "na qual tudo vem de novo posto em jogo: os modelos econômicos; os projetos políticos; as visões culturais; o social e o pessoal; a relação com a natureza (ecologia), com o outro gênero (mulher e varão), com o diferente (negro, índio), com a própria subjetividade e até com o Transcendente (o retorno do sagrado)" (1).

Na leitura que a Igreja institucional faz desta crise e que a leva ao programa pastoral que vem a ser chamado "Nova Evangelização" ou "Re-Evangelização", ela se vê ameaçada pela cultura da modernidade e obrigada a fazer frente aos seus efeitos: ao secularismo, indiferentismo e à falta de moral (Documento de Santo Domingo (DSD), nº 153-154). Nesta tarefa se serve e confia muito nos Novos Movimentos Eclesiais (DSD, nº 102), que representam com o "despertamento da fé", a "retomada das práticas religiosas", o "comunitarismo", a "mudança na conduta ética" e a "laicidade" uma resposta religiosa organizada à cultura moderna com seu secularismo e sua permissividade (2). Nesta luta por uma cultura cristã devem inserir-se as ordens e congregações religiosas. Um aspecto principal das relações entre religiosos e movimentos leigos seria a tarefa dos religiosos assistirem aos movimentos nos seus esforços proporcionando-lhes uma mais acurada formação espiritual e religiosa.

Há, porém, uma leitura dos sinais dos tempos diferente que não é tão defensiva e negativa, mas esperançosa e positiva em ver a crise. Existindo duas leituras divergentes da mesma realidade no seio da mesma Igreja, são inevitáveis

suspeitas mútuas, incompreensões, tentativas de chamar à ordem, medo de "divisões internas", "contestação da doutrina e das normas dos Pastores da Igreja", como os "lineamenta" receiam.

Uma leitura mais esperançosa da crise

Esta leitura mais positiva, que — como suspeitamos — está, consciente ou inconscientemente, na base da VRI, que implica numa transformação da vida religiosa e do seu testemunho no mundo e que leva religiosos/as à inserção no meio da vida do povo radicalizando a "opção preferencial pelos pobres", vê, também, a civilização moderna numa crise profunda. Dirige, no entanto, o olhar a outros efeitos deletérios desta civilização em crise — o mercado liberal, a modernidade capitalista, a cultura de exclusão, a política de minorias —, e, no que vale o positivo desta visão, continua percebendo atrás destas forças destruidoras o potencial histórico dos pobres: "A multidão dos oprimidos, de muitas faces e nomes, aparece pois como protagonistas potenciais (mas não sozinhos) de uma possível mutação civilizacional" (3).

Como caracterizar a crise? (3) Os seus sintomas começam a aparecer a partir dos anos 60 e é em 1968, que ela eclode com a revolução estudantil. Daí para a frente os sinais de protesto aumentam. "... Movimentos sociais profundos (culturais e políticos, a insatisfação dos jovens e mulheres, a consciência crescente dos explorados), indicavam a precariedade do modo de vida moderno... Cidade moderna, aparentemente tranqüila e triunfante, já assediada de fora e minada por dentro por 'novos bárbaros' — os excluídos, os desprezados, os explorados e os que se auto-excluíram de um mundo para eles rarefeito e poluído." Ela ganha contestação e oposição por dois lados, por dois tipos de movimentos: "Os pobres, por uma parte, 'naturalmente' postos de lado pela modernidade e, por outra, os filhos dos modernos, que não aceitavam mais os pressupostos do 'establishment' e seus horizontes estreitos e embaçados. Lutas econômicas e políticas aqui e ali, rebelião cultural acolá. Redescoberta da natureza — a terra a ser ocupada pelos que não a tinham e a ser salvada da destruição e do envenenamento urbano-industrial. Movimentos aparentemente tão distintos — rebeliões rurais e ecologismo — e profundamente complementares" (5). A "idéia-força" que une a todos estes movimentos é a vida. "Luta pela vida que vai dos limites mínimos de sobrevivência, aos largos horizontes de vida mais plena e de qualidade nova. Lutas de libertação, pela paz e pela preservação da natureza, de diferentes ângulos e situações se encontram na defesa da vida, do homem e do planeta" (6).

O papel da religião

Em toda esta luta coube e cabe à religião um papel importante. O protesto multiforme "veio acompa-

nhado inevitavelmente de um 'revival' religioso, a religiosidade popular dos pobres, a redescoberta de velhas sabedorias não-ocidentais, uma natureza que se foi repovoando de mistério e de velhos mitos" (7). A modernidade tentou eliminar o sagrado, e "de repente, as esquinas se enchem com 'despachos', surgem igrejas, seitas e terreiros por toda a parte, novas terapias instalam seus consultórios, astrólogos quiromantes oferecem seus serviços pelos jornais" (8). É importante descobrir nas formas religiosas — não só das grandes religiões — a sua força histórica que está ligada à dimensão da gratuidade. "Temos... a tendência fácil de classificar as religiões em razão de seu compromisso sócio-político explícito, relegando outras denominações à categoria de 'alienadas', sem tratar de entendê-las, sem preconceitos, no que podem ter de fecundas... Pentecostalismos, carismáticos, no mundo cristão, não terão algo a dizer? Sem falar em todas as outras religiões. E, uma vez mais, na América Latina, além da tradição africana, há a outra, a ameríndia, que guardou velhos ensinamentos da natureza..." (9). O sagrado, o "Deus absconditus" volta, questiona as verdades estabelecidas e abre pistas para um mundo novo.

Terminando a nossa leitura da crise e avaliando a situação particular do nosso continente dentro da conjuntura mundial podemos constatar fazendo eco às palavras do Papa que são não só úteis, mas oportunas e necessárias tanto a "opção preferencial pelos pobres", como também conseqüentemente, a VRI. Em que, porém, reside o seu profetismo, que daria à VRI não apenas o direito de existir, mas lhe atribuiria um papel imprescindível dentro da Igreja como forma mais radical e mais acertada da VR na América Latina? A avaliação teológica da situação quer dar-nos uma resposta.

Uma nova presença de Deus

Enquanto no Primeiro Mundo a luta se trava pelos grupos de contra-cultura e nos setores urbanos, mesmo da nossa região, pelos movimentos feministas, ecologistas, pacifistas, etc., verificamos que, na América Latina, a luta acontece, sobretudo, no plano sócio-econômico e que os seus protagonistas são os pobres. É uma realidade nova, em que os pobres se tornam "sujeitos históricos". É uma revolução antropológica que atinge o modo de se crer em Deus: há "um novo modo de ser homem e mulher na América Latina, e por isso mesmo uma maneira diferente de viver a Fé" (10). É uma fé ligada à vida, que o próprio Deus se preocupa com a vida. A palavra "sobre" Deus, mediada, na Igreja, muitas vezes, por um anúncio difuso, nas CEB's recupera um significado vital, torna-se "Palavra de Deus", pois é conquistado um acesso direto: com coragem se pronuncia a "Palavra" para a situação concreta: "se fala e se discute dos problemas, das dificuldades e das lutas — saúde, terra, trabalho, etc." num clima religioso intenso. Os

elementos da vida cotidiana colocados na gratuidade da fé formam "uma unidade vital muito profunda" e sinalizam que as lutas procuram "forças em algo que está 'mais além'" (11).

Como cristãos deveríamos reconhecer atrás destes movimentos uma presença nova de Deus no mundo. Todos estes movimentos — a começar com a contra-cultura passando pelos ecologistas e feministas, pelas seitas e formas religiosas orientais até os movimentos dos pobres — podem ser considerados como respostas mais ou menos claras a uma revelação nova de Deus: um Deus da Vida e Jesus Cristo comprometido com a causa humana. Estas manifestações não seriam uma reação a uma tomada de iniciativa do lado de Deus? A luta, que os pobres travam, não nos parece sustentada pelo próprio Deus? Não é este o testemunho dos próprios pobres? Não deveria também a Igreja institucional reconhecer esta presença e encarar, de outra maneira, os movimentos dos pobres na América Latina, os movimentos dos ecologistas e feministas, da vida alternativa, as seitas e novas formas religiosas, reconhecer-lhes a contribuição que trazem para um mundo novo, em vez de fazer guerra aos que — no fundo — são seus aliados, de fechar-se na própria instituição e perder o momento histórico. A história da Igreja nos conta que na Alta Idade Média, quando ocorreu uma crise de civilização talvez comparável à do nosso tempo, a Igreja conseguiu, pelo menos, cooptar os movimentos inovadores. Será que conseguirá isto esta vez? Com uma certa ironia poderia se lembrar que, naquele tempo, a sua tarefa era mais fácil. Quando São Francisco recebeu os "stigmata" de Jesus pobre, humilde e sofredor, tornava-se quase impossível para a Igreja duvidar da presença de Deus na vida do santo, em seu movimento e em movimentos parecidos da época. Mas hoje não haveria "stigmata", sinais da presença de Cristo no mundo? Um sínodo de bispos não poderia começar os seus trabalhos enxergando e valorizando os sinais de uma nova presença de Deus, que brotam do duro chão da vida, e fazer desta presença atuante de Deus a medida da própria atuação pastoral? Qualquer plano pastoral não teria a sua razão de ser na continuação e prorrogação da atuação de Deus no mundo?

A desconcertante sede de Deus

Mas como encarar a eclosão de tantos movimentos de formas religiosas novas, que nos parecem estranhos, mas, certamente se referem ao mesmo fato teológico inovador: pentecostais, carismáticos, etc. são expressão de um novo tempo. Nas diversas crises de civilização pode ser observada semelhante eclosão de seitas. Qual seria sua mensagem positiva a respeito do Deus presente de uma maneira nova? E os novos movimentos chamados "eclesiais"? Não deveríamos desconhecer ou, até, desprezá-los pela aparência de alienação que exibem. No momento, eles gozam de muita preferência do lado da

Igreja institucional. Será que são tão "eclesiais" como parecem? Usá-los, como a hierarquia faz, sem mais ou menos, nos projetos pastorais, especificamente, na "Nova Evangelização" talvez signifique agir de maneira precipitada. Será que aquilo que faz surgir e move estes movimentos, vai tão conforme aos projetos de Igreja hierárquica? Será que o bem destes movimentos reside mesmo naquilo que a instituição eclesiástica, no momento, tanto aprecia? A imediatez da experiência de Deus, que os movimentos descobriram e que parece denominador comum dos Novos Movimentos Eclesiais como, também, dos movimentos populares pela vida, é uma crítica incisiva à administração institucional do sagrado executada pela Igreja. A aparente obediência pode enganar.

Faz-se urgente um discernimento a respeito da experiência que podemos ter do nosso Deus (12). Fomos nós que colocamos em tempos idos toda a ênfase da experiência de Deus no compromisso, na práxis. Curtíamos a "hegemonia da eficácia", pretendíamos "deter as rédeas e possuir os segredos dos rumos da história". A "exacerbação da militância" levou muitos de nós à crise. Muitas das novas formas religiosas pondo o acento na gratuidade vêem a experiência de Deus como mero gozo, como fruição imediata abstendo-se do compromisso histórico (13). Nos movimentos dos pobres de luta pela vida, no entanto, encontramos uma experiência de Deus que parte da gratuidade e desemboca no compromisso. Mas o fato de que todas estas formas religiosas são, de uma ou outra maneira, respostas a uma nova presença de Deus no nosso mundo deve levar-nos ao diálogo apostando e investindo num "macro-ecumenismo" em favor da vida.

O testemunho profético da Vida Religiosa Inserida

No nosso continente, os movimentos dos pobres que lutam pela vida parecem ser resposta mais clara à presença nova de Deus e, desta maneira, pedem o apoio total da Igreja. A opção dos/as religiosos/as inseridos/as parece ser uma resposta, consciente ou intuitiva a esta presença nova de Deus no mundo. E nisso reside o seu testemunho profético.

Os pobres são percebidos como lugar, onde a vida e Deus falam mais alto; são o lugar de encontro com a vida e com Deus. Através dos pobres tocam a vida e conhecem Deus como um Deus que luta diariamente pela vida. Conhecem Cristo, o Servo de Javé, que segue evangelizando e curando, no nosso tempo, "sem gritar, sem usar violência" usando para a instalação do Reino apenas duas armas aparentemente fracas: a fé na vida, capaz de recriar a vida em meio das forças da morte, e a fé no ser humano, que perdoando investe toda esperança e todo o amor nos homens e mulheres concretos. Confirmar-se-ia, assim, a VRI como caminho pertinente e profético da vida religiosa no nosso continente e país.

Há de esperar-se neste caminho implicações de ordem institucional e teológica que divergem em muito das posições tradicionais. A "transferência" de Deus da área do "sagrado" para a vida "profana" gera suspeitas nos quadros de uma instituição que se preza do seu caráter sagrado; a "transformação" de um Deus das verdades claras e distintas para um Deus que fala pela boca dos pequenos e humildes é, no mínimo, incômoda; a "substituição" de um Deus da lei e das verdades pré-estabelecidas como também de um Deus da eficácia e do controle histórico por um Deus da vida e misericórdia desconcerta qualquer um, que não está disposto a seguir a este Deus "sem lugar" e peregrino, em meio da história concreta, no seu caminho para situações de morte e pecado.

Concluindo pode-se dizer, que a vocação dos/as religiosos/as na América Latina consiste na missão profética de perceber a nova presença de Deus, de testemunhá-la e comprometer-se com ela corajosamente. Se Deus está presente no mundo e, especialmente, nestes movimentos que lutam pela sobrevivência e por uma vida mais digna, então "a nossa missão na Igreja e no mundo" (título da 3ª Parte dos "lineamenta") consiste num compromisso maior com estes movimentos dando testemunho da encarnação do nosso Deus. A nossa "missão" brota a partir "de baixo", a partir da "vida", da "profanidade", onde vemos — com os olhos da fé — o Deus da vida e o Cristo, Servo de Deus, trabalharem. Somos chamados a acompanhá-los em seus trabalhos, que querem realizar no nosso tempo e nosso mundo. Acredito que seja esta a visão que leva os/as religiosos/as, de maneira consciente ou intuitiva, a fazerem uma "opção preferencial pelos pobres" comprometendo-se mais radicalmente com a vida e a luta dos pobres.

Prescindirá, provavelmente, desta justificação quem, com a graça de Deus, vive esta opção, já que ela é profundamente bíblica.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. É patente para muitos de nós que a Vida Religiosa Inserida em meios populares encontra-se em um momento delicado de sua caminhada. Há suspeitas, há desânimos, há incompreensões. Qual parece ser a raiz destas dificuldades?

2. De forma bastante otimista, o autor do artigo vê, nos diversos movimentos percebidos no mundo de hoje, sinais de uma revelação nova de Deus: um Deus da vida e de Jesus Cristo comprometido com a causa humana. Você conseguiria perceber estes sinais, no lugar onde sua comunidade se situa hoje?

3. Em que consiste, segundo o autor, a missão profética da Vida Religiosa na América Latina? Você está de acordo? Sua comunidade local e os seus trabalhos apostólicos espelham esta missão?

NOTAS

(1) Cl. Boff em entrevista dada a Darci L. Marin, "Evangelho: fonte de vida para todos", **VIDA PASTORAL 34/16** (Mar-Abr. 1993): 23. (2) Cf. L. E. Wanderley e Cl. Boff, "Os Novos Movimentos Eclesiais", **REB 52/207** (Set 1992): 702-706. (3) Cl. Boff, "Evangelho", 3. Cf. tb. L. A. Gómez de Souza, "O dinamismo transformador dos excluídos", **TEMPO E PRESENÇA 15/268** (Mar-Abr. 1993): 42-43. (4) A visão aqui apresentada apóia-se na interpretação dos fatos como se encontra em L. A. Gómez de Souza, "Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. Religião e movimentos sociais na emergência do homem planetário," **SÍNTESE nº 37** (1986): 33-49. (5) Souza, 34. (6) 41. (7) 34. (8) 39. (9) 44. (10) 42. (11) 37. (12) Cf. M. C. L. Bingemer, **Alteridade e vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise** (São Paulo: Ed. Loyola, 1993). (13) Cf. Bingemer, 67 □

Apego e proximidade à mãe terra

Elemento central das culturas indígenas é o apego e a proximidade à mãe terra. Amais a terra e quereis permanecer em contato com a natureza. Uno a minha voz à de quantos pedem a aplicação de estratégias e meios eficazes para proteger e conservar a natureza criada por Deus. O respeito devido ao meio ambiente deve ser sempre tutelado, acima de interesses exclusivamente econômicos ou da abusiva exploração dos recursos em terras e mares. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

Valores conservados pela memória indígena

Dirijo a minha mensagem de paz e amor a todas as pessoas e grupos étnicos indígenas, desde a península do Alasca até à Terra do Fogo. Sois continuadores dos povos tupi-guarani, aimara, maia, quechua, chibcha, nahualt, mixtecas, araucano, yanomâmi, guajiro, inuit apache e muitíssimos outros que se distinguiram por sua nobreza de espírito, que se evidenciaram nos seus valores autóctones culturais, como as civilizações asteca, inca e maia e que podem gloriar-se de possuir uma visão da vida que reconhece a sacralidade do mundo e do ser humano. A simplicidade, a humildade, o amor à liberdade, a hospitalidade, a solidariedade, o apego à família, a proximidade à mãe terra e o sentido da contemplação são outros tantos valores, que a memória indígena da América conservou até aos nossos dias e constituem uma contribuição que se sente na alma latino-americana. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

O DEUS QUE LIBERTA E SUSCITA A PROFECIA

Ação e contemplação, dimensões da espiritualidade latino-americana que evidenciam a união com Deus e o seu chamado à prática da libertação e da profecia na América Latina.

Pe. Sebastião Pitz, SCJ
Jaraguá do Sul, SC

Experimentar a presença de Deus na história pessoal e no caminho real de um povo e comprometer-se aí na construção do Reino significa, antes de tudo, fazer uma autêntica experiência de Deus. Sem essa experiência, que acontece a partir de uma realidade pessoal e comunitária "situada", não é possível testemunhar e fazer (acreditável) o amor de Deus.

Sabemos que na história latino-americana a verdadeira imagem de Deus tantas vezes foi obscurecida. Por esse motivo, se torna ainda mais premente a necessidade de nos libertarmos das falsas interpretações de Deus e sermos agentes de libertação para um povo que, na sua grande maioria, vive numa situação desumana de pobreza e que, em vez de procurar uma saída dessa situação marginalizadora e avilitante, muitas vezes até se conforma de maneira fatalista.

Encarnar-se na realidade da pobreza, comprometer-se e solidarizar-se com os pobres, assumir conseqüentemente as lutas que eles empreendem para sobreviver e conquistar um lugar numa sociedade capitalista que oprime sem piedade o subcontinente latino-americano, requer o despojamento de tantos valores pessoais adquiridos — seguranças, conforto, "paz"... — para comprometer uma vida inteira com a nova realidade e com tudo o que esta possa oferecer.

Interessa-nos, neste artigo, tentar esclarecer a verdadeira imagem de Deus, revelada por Jesus Cristo. Pretendemos detectar, ao menos em parte, a falsa imagem de Deus que se mesclou com a nossa história

pessoal e comunitária e descrever a experiência de Deus que converge para uma contemplação na ação, dentro da ação e com a ação e para uma unidade de fé-vida, ação-oração, mística e política.

1. A IMAGEM DE DEUS

Quando falamos de vida espiritual e do testemunho que esta suscita, nos referimos primordialmente à Santíssima Trindade que a caracteriza. A espiritualidade, na dinâmica trinitária, "é uma relação pessoal com Deus Pai, com Jesus Cristo e com o Espírito Santo. E isso marca as suas características mais radicais" (1). A Trindade, segundo o secular ensino da dogmática, é a realidade do mistério absoluto sem origem (Pai), que autocomunica (Filho), sem perder, porém, a sua origem (Espírito Santo) (2). Esta Trindade verdadeira imagem de Deus, que tantas vezes julgamos distante e que exprimimos em esquemas doutrinais, "ocorre na nossa existência. Como tal, ela mesma não é dada independentemente do fato que a Escritura nos ensine a sua existência. Estes ensinamentos, ao contrário, são dirigidos a nós, justamente porque nos foi concedida essa mesma realidade, em relação à qual se proferem tais ensinamentos" (3).

Bastaria aqui recordar a história de alguns santos para perceber com nitidez o grande valor da experiência trinitária. Recordamos, por exemplo, a Beata Elizabeth da Trindade (1880-1906) que viveu de forma singular a "vocação trinitária "(4). A leitura de alguns de seus escritos fascinou P. Leão Dehon (1843-1925) (5), tanto que ele mesmo confessa no seu diário: "É preciso ler esta vida para saborear a devoção à Santíssima Trindade" (6).

Lendo com atenção, esses e outros escritos que brotaram da experiência trinitária que alguns santos nos legaram, percebemos imediatamente a simplicidade com que Deus se manifesta e toma posse da criatura humana. Diz muito bem Leonardo Boff que "a experiência verdadeira e profunda de Deus mostra que o mistério divino é simples e como deve ser simples a nossa relação com Ele. É no fundo a experiência radical de nós mesmos, aberta e facilitada pelo mesmo Deus" (7).

1.1. O Deus dos cristãos se nos revela em Jesus Cristo

Não se pode duvidar que o Deus de Jesus de Nazaré é o Deus da experiência do povo judeu do Antigo Testamento. Porém, a novidade está na maneira como ele interpreta a lei e a dogmática veterotestamentária, diversa da dos fariseus e bem evidente nos evangelhos. A sua condenação consistiu sobretudo nessa sua ousadia de superar a Lei com o Deus do amor e do perdão e nessa sua diferente "experiência de Deus".

Recordando a opressão e a dominação a que o povo da Palestina estava submetido no tempo de Jesus, Leonardo Boff faz a seguinte interpretação: "A verdadeira opres-

são, contudo, não residia na presença do poder romano, senão na interpretação legalista da religião e da vontade de Deus corroborada especialmente pelos fariseus. A lei que devia ajudar o homem a encontrar o seu caminho para Deus, degenerava com as tradições, interpretações e minúcias mesquinhas em uma terrível escravidão, imposta em nome de Deus (Mt 23,1; Lc 11,46)" (8).

Jesus de Nazaré surge dentro desta situação com sua experiência de Deus. Nele, o Deus dos cristãos se nos revela em sua plenitude e pureza definitivas: "A graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens" (Tt 2,11). Deus nasce em sua experiência de libertador. Sua primeira palavra é a libertação, como bem o demonstra o Evangelho de Lucas quando apresenta o início de seu ministério na Sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque enviou-me para evangelizar os pobres. Enviou-me para proclamar a remissão aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19). E Lucas demonstra ainda mais que Jesus assume livremente essa profecia: "Hoje realizou-se essa Escritura que acabastes de ouvir" (Lc 4,21) (9).

Transcorrendo a sua vida dentro da realidade do seu povo, numa comunidade, e, durante a sua vida pública, com um grupo de discípulos, Jesus recapitula todos os traços do Deus bíblico, desde Abraão até os profetas. "Jesus torna Deus acessível e experimentável para o homem: em Jesus, Deus assume qualidades humanas, o Deus histórico se faz história, o Deus dos pobres se faz pobre, o Deus da justiça é vítima da injustiça, o Deus da Promessa dá a sua vida para cumpri-la, o Deus da Esperança nos dá segurança para sempre (cf. Jo 1,18)" (10).

Mesmo dentro de uma situação mesclada de opressão interior e exterior, "Jesus encontra Deus como total libertação. Deus resolveu intervir e pôr fim a este mundo sinistro e dominado por forças adversas ao homem e a Deus. Reino de Deus significa o sentido radical para este mundo livre do pecado, do ódio, do sofrimento e da morte... Deus segue sendo o sentido do mundo reconciliado e transfigurado: é o que a expressão "Reino de Deus" quer expressar. Por isso 'felizes vós que agora chorais porque sereis consolados' (Lc 6,20-21)" (11).

Na sua vida, na sua pregação que ocorre junto do seu povo, "Jesus nos revela a essência do Deus cristão em sua relação conosco. Essa essência está em ser puro amor e misericórdia ativa, dinâmica e ilimitada. Sendo amor, Deus se compromete com o povo. Sendo amor, ele é fiel às suas promessas. Sendo amor, ele é justiça e libertação para os pobres, esperança e refúgio para os pecadores. Sendo amor, é ciumento dos ídolos que deformam seu amor, e com isso, deformam o homem. Sendo amor, é

solidário com a história humana até o sacrifício da cruz... Ao contrário do Deus da razão e da teodicéia, bem como das imagens paganizadas ou deformadas de Deus, o Deus cristão se tornou vulnerável por amor. Tornou-se verdadeiramente Pai de cada homem. Fez com que fôssemos seus filhos. E chegou até a se identificar com os mais infelizes dos homens (Mt 25,40)" (12).

Hoje, na celebração litúrgica, atualizamos na comunidade a salvação e libertação de Deus que continua presente no meio de nós. Mas nem sempre a comunidade experimenta essa presença de Deus. A este propósito, Benjamín González Buelta, a partir de sua vida inserida no meio dos pobres em Guachupita (República Dominicana), diz: "Durante muito tempo o pobre tem sido objeto da palavra do sacerdote e tem-se expressado através de ritos impostos, que não eram a expressão de sua própria realidade, nem da sua cultura, nem de seu momento histórico. Assim, a palavra do pobre, a salvação pobre, o diálogo do pobre com Deus, não podiam ser escutados e celebrados... Assim, o comunidade estabelecida não era uma autêntica comunidade cristã onde todos somos igualmente expostos e agradecidos diante da salvação que cresce e se celebra" (13).

1.2. Falsa imagem de Deus

Tendo apreciado a verdadeira imagem do Deus cristão apresentado e vivido por Jesus Cristo, e que somos chamados a viver e a celebrar na nossa história pessoal e comunitária, não podemos deixar de considerar, ainda que brevemente, a nossa história latino-americana que em inúmeras ocasiões ofuscou a imagem de Deus.

Na celebração dos quinhentos anos de "conquista" e de evangelização da América Latina devemos nos deixar interpelar pela história passada e presente, também nos seus aspectos negativos. Se existem tantos e justos motivos para celebrar esse grande evento, também existem outros tantos para pedir perdão e interrogar também a história atual que muitas vezes continua a cometer os mesmos pecados que clamam aos céus.

Bastaria lembrar nesse contexto a situação dos índios, povos inteiros com sua cultura, costumes e religião, condenados a um progressivo extermínio, desde quando os europeus chegaram e tomaram posse de suas terras. Os colonizadores trouxeram os missionários encarregados de converter os "pagãos" do novo mundo. Os autóctones foram muitas vezes forçados à conversão cristã de uma maneira brusca e violenta e até com o uso das armas. Perguntamos então: que imagem de Deus os povos nativos da América Latina retiveram na primeira evangelização feita sob o sinal da cruz dos missionários e sob a violência dos colonizadores "cristãos"? Certamente não era a imagem do Deus revelado por Jesus Cristo que transparecia naquele contexto de conquista e violação dos direitos humanos. Sabemos que hoje muita

injustiça continua a ser feita aos índios. É claro que a postura da Igreja não é mais a mesma daquela de quinhentos anos atrás, mas os governos da América Latina têm se preocupado muito pouco até hoje pela causa dos indígenas, embora tantos projetos e leis já tenham sido assinados.

Além dos índios, foram e ainda são tantos outros fatos históricos que obscurecem a verdadeira face de Deus; por exemplo: a importação dos negros africanos, comprados e vendidos na América Latina como escravos até ao final do século passado e que ainda hoje continuam a ser discriminados em certos extratos da sociedade desse Continente; é a situação de pobreza que hoje atinge tantos de nossos irmãos, enquanto uns poucos detêm em seu poder a maior parte dos bens e dos lucros, entregues a uma vida onde cada vez mais impera o consumo e o hedonismo...

Há iniciativas tais como da CLAR "Projeto Palavra-Vida" (1988) e da CRB "Tua Palavra é Vida" (1990) que procuraram centrar a verdadeira imagem de Deus e evidenciá-la na dimensão de vida pessoal e comunitária e dentro de uma realidade determinada, onde também há lugar para o perdão de um passado que, muitas vezes, não deixou transparecer a verdadeira face de Deus, que é justiça, misericórdia, libertação... E é pena ver às vezes analisar o presente com olhos do passado, dando continuidade a tantas situações sociais injustas e cometendo os mesmos pecados, de uma maneira aberta ou camuflada.

Dentre as falsas imagens de Deus que podem aparecer hoje na vida espiritual, existe também a racionalização da fé em Deus, que leva a um relacionamento subjetivo com Deus e com o mundo.

Outros riscos, que ocorrem na experiência de Deus e a conseqüente imagem que dele se apresenta, esclarece a psicologia do profundo, que, por outro lado, tem revelado quanta imaturidade e quanto infantilismo se escondem e se consolidam na procura de Deus. Muitos caminhos pessoais têm aparecido como fugas individualistas, e muitas práticas espirituais se revelam como mecanismos evasivos da realidade. A oração, que neste quadro não se assente na realidade pessoal e eclesial, pode vir a ser, na religião, equiparada ao "ódio", situação já denunciada por Karl Marx em meados do século passado.

2. NOSSA EXPERIÊNCIA DE DEUS

Tendo-nos já referido à Santíssima Trindade (imagem de Deus), à revelação de Deus em Jesus Cristo e à falsa imagem de Deus, é o momento de nos interrogarmos sobre a nossa experiência de Deus.

A idéia viva de Deus, que provém das Escrituras e de nossa experiência espiritual, sofre em nós um amadurecimento. Deus se revela progressivamente na medida da fidelidade e do crescimento contemplativo de um crente...

É a experiência de fé, que vai purificando gradativamente a nossa idéia de Deus e nos leva a testemunhar e a transmitir uma autêntica imagem de Deus aos irmãos. Somos constantemente interpelados a identificar a nossa experiência espiritual com o amor real, histórico e exigente, e a tirar daí todas as conseqüências para a espiritualidade e para a pastoral, num contexto eclesial, que é sacramento do Deus amor.

O citado autor Galilea, que nos auxilia nestas reflexões, afirma com clareza que "a questão da espiritualidade no mundo contemporâneo é que a Igreja de Deus e seus cristãos devem se capacitar a transmitir ao mundo o verdadeiro Deus, o único crível, desejável e capaz de superar o muro dos ídolos e da indiferença. E isso nos leva sempre à exigência de que os cristãos se convertam permanentemente ao Deus de Jesus" (14).

A experiência de fé e a contemplação, como acontece em toda a vida espiritual, se destacam também na espiritualidade latino-americana. Por isso, convém deter-nos um pouco sobre essas características da experiência de Deus.

2.1. Um caminho na fé

Se nos propusermos a conhecer melhor a vida de alguns santos e estivermos atentos à vida e às obras desses grandes personagens que ainda hoje continuam a edificar de modo singular a Igreja, depararemos logo com a presença de uma qualificada experiência de fé e constataremos, sem dúvida, que é esta fé que autentica tantas suas obras, instituições, ordens e congregações, de que eles são fundadores ou promotores em primeira pessoa.

Como é que se dá essa experiência de fé? Apesar do mistério que a envolve e que a expressa no culto, nos símbolos, nas fórmulas doutrinais e nas organizações religiosas, constitutivas da religião (cristianismo, Igreja), podemos destacar dois momentos que a tornam autêntica: a iniciativa de Deus e a resposta do homem. É Deus quem chama para viver no seu amor e para realizar o seu projeto na Igreja e na sociedade. Através da fé em Deus, que irrompe na vida, o homem dá a sua resposta "com res-ponsabilidade a uma pro-posta, decifrada como por parte do homem da relação ontológica de seu ser para uma realidade que é seu fundamento e sua destinação" (15).

Teremos que considerar que a resposta é passível de condicionamentos de certos padrões culturais, da condição social (riqueza, miséria e bem-estar) em que se vive e da realidade pessoal e coletiva de um povo com que se faz história; o que não deixa de apresentar fatores positivos, quando adequadamente se analisa e se julga a realidade com que se está envolvido e quando se busca a transformação daquilo que distoa do plano de Deus e do seu Reino. Mas, o fato de conviver passivamente com certos condicionamentos, que agri-

dem a pessoa humana e a sociedade, pode levar a deformação da imagem de Deus e do seu plano de amor, de justiça e de fraternidade.

A espiritualidade como tal, está intimamente ligada à experiência de fé, que se faz "experiência na esperança e no amor que gera... A busca de Deus é o caminho da fé. E, pela experiência de fé, esse caminho é o encontro com Deus. Pela fé encontra-se Deus, na medida em que se busca Deus... A crise de fé é também crise da espiritualidade" (16).

A experiência de fé se realiza ao longo de um processo espiritual, em que o homem se sente guiado por Deus, num constante amadurecimento da fé e numa conseqüente purificação da imagem que "a priori" se faz de Deus. Nesse processo, o homem é impulsionado a experimentar, segundo Galilea, "o único e não manipulável, Deus cristão, o Deus Pai de Jesus Cristo. O conhecimento e a experiência do verdadeiro rosto de Deus constituem a primeira exigência que identifica a espiritualidade cristã. (...) A espirituaildade é a conversão progressiva ao Deus de Jesus" (17).

Uma conversão progressiva ao Deus de Jesus Cristo exige, por outro lado, uma conversão ao irmão. É o que também os profetas já procuravam revelar, quando apelavam para a prática da caridade, da justiça e da misericórdia (cf. Is 58). João Batista, continuando nessa mesma perspectiva, nos revela que não se pode chegar ao verdadeiro Deus, nem sequer compreendê-lo, sem mudar o estilo de vida e o próprio coração. Conversão a Deus e ao irmão são equiparados (18).

Desta forma o homem impulsionado por uma autêntica experiência de fé, onde Deus não é uma quimera, mas uma realidade pessoal e comunitária, é chamado a testemunhá-lo na realidade do dia-a-dia que o envolve. E, neste caminho da fé, o silêncio de Deus pode muitas vezes surpreender. Mas, este silêncio, ainda segundo Galilea, "constitui o fundamento de nossa fé. Através de toda a história da salvação, Deus sempre agiu assim, dando espaço ao risco e à opção da fé. Somos chamados a descobrir sua presença no cerne da realidade, a partir da palavra de Jesus, e não de uma evidência direta. Para quem aceitou um Deus crucificado que, em seu abandono e morte, transforma a servidão, a miséria e a injustiça em meios de libertação, tudo se ilumina. E isso porque tal aceitação é precisamente a convicção da fé que cada dia sofre a prova do silêncio de Deus. Um mundo crucificado" (19).

A conversão ao Deus de Jesus Cristo se apóia principalmente no caminho da fé, na vitória que venceu o mundo (1 Jo 5,4), sem ignorar a prática conseqüente que a verdadeira fé reclama (Tg 2,6; 1Jo 3,16).

Como vivenciar esta síntese de amor a Deus ao próximo segundo o que sugere a experiência de fé? Uma resposta razoável encontramos em Santo Agostinho quando comenta o evangelho de São João":

O amor de Deus é o primeiro como mandamento, mas o amor ao próximo é o primeiro como realização prática. Aquele que te dá o mandamento do amor nestes dois preceitos, não te ensina primeiro o amor do próximo e depois o de Deus, mas vice-versa. No entanto, como ainda não podes ver Deus, amando o teu irmão que vês, como poderás amar a Deus que não vês? (20).

Para caracterizar melhor esse amor a Deus e ao próximo, meta fundamental da vida cristã, apresentaremos as dimensões da vida cristã que revestem tal amor: contemplação e ação. São dimensões da espiritualidade latino-americana, que evidenciam a união com Deus e o seu chamado à prática da libertação e da profecia na América Latina.

2.2. Contemplação e ação

Com a expressão "contemplação na ação" Nadal, um dos primeiros seguidores de Santo Inácio de Loyola, quis interpretar a espiritualidade inaciana: "Buscar em todas as coisas a Deus nosso Senhor" (21).

A espiritualidade na América Latina, embora se apresente como novo modo de viver a experiência de Deus e de expressar a fé a partir do processo de libertação, não esquece as suas raízes, que estão ligadas às grandes escolas de espiritualidade do passado (22). Se acentuamos aqui esse aspecto inaciano, presente na espiritualidade latino-americana, não queremos com isso excluir as outras espiritualidades nela presentes. O importante é que as escolas e/ou correntes de espiritualidade sejam concordes no modo de conceber a espiritualidade, dentro da realidade prática em que os pobres se apresentam como protagonistas e merecedores da opção preferencial e evangélica da Igreja. A fé leva a "compreender que a irrupção do pobre na sociedade e na Igreja latino-americanas é, em última instância, uma irrupção de Deus em nossas vidas. Esta irrupção é o ponto de partida e, ao mesmo tempo, o eixo de uma nova espiritualidade. Por isso ela nos indica o caminho que nos conduz ao Deus de Jesus Cristo" (23).

A partir dessas premissas, interessa-nos aprofundar um pouco a realidade da contemplação, que se fundamenta na procura, mais ou menos metódica de um conhecimento das realidades superiores (24). Tal conhecimento, porém, não quer ser abstrato, nem quer seguir uma orientação filosófica. Quer, isso sim, libertar-se de todo e qualquer dualismo e expressar a consciência de que Deus se revelou na história e se encarnou em Jesus Cristo; assumiu a natureza humana e quer fazer parte de nossa história.

Portanto, na realidade histórica em que vivemos, somos chamados a admirar a grandeza de Deus e a nos rebelar contra tudo o que é contrário ao plano e orientação do Senhor. Se perdemos essa sensibilidade de admiração e leitura da

realidade que compõe a obra de Deus, e que quer ser a sua manifestação na história, devemos novamente nos reportar ao Evangelho e readquirir o olhar de menino", que mereceu o louvor de Jesus (Mt 11,25).

Somos chamados a admirar a intervenção do Senhor na história, tanto passada como presente. A própria Bíblia nos ensina como devemos contemplar a história... Na realidade que hoje vivemos, não podemos nos contentar com as relações estabelecidas entre os homens. Porque, sendo filho de Deus, o homem é imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Participa da natureza de Deus, como um filho participa da natureza do pai. Por isso, enquanto espírito, o homem é consagrado e inviolável. Quem o toca, toca em Deus. Como espírito, o homem é imortal e destinado à plenitude de vida. O filho recebeu como herança de Deus o mundo, para nele exercer sua liberdade e ajudar a construí-lo em reino de Deus" (25).

A contemplação na América Latina não pode esquecer que a espiritualidade e a oração sempre estiveram centradas em Deus. A questão não se resolve caindo num outro extremo, ao centrar a espiritualidade e contemplação na realidade. Devemos é encarná-las na realidade em que a fé é vivida.

Somos impelidos, por isso mesmo, a pedir que venha e se torne realidade, no meio de nós, o Reino de Deus, que é reino de justiça, de paz e fraternidade..., capaz de transformar as pessoas e a realidade histórica. Nessa atitude de vida, a contemplação terá que se revestir também da problemática da realidade em que está imersa: "contemplação na ação de justiça", como proposta de solução teórica e prática para explicar a unidade de fé e justiça... Um modo cristão de ir a Deus e de levar Deus aos homens (26), a oração pode parecer como uma "exigência (também) política", quando avaliada em suas dimensões, pessoal, comunitária, mística e litúrgica, na vida dos agentes de pastoral, comprometidos com a evangelização popular e com suas implicações políticas (27). E, ainda, a oração se apresenta associada ao processo de libertação, onde quer expressar a unidade fé-vida e sustentar a prática e teoria (teológica) libertadoras, numa experiência espiritual de encontro com o Senhor nos pobres (28).

Leonardo Boff, sustentando a contemplação na ação dentro da realidade latino-americana, assim se expressa: o problema não é simplesmente a relação oração-ação, e sim, oração-libertação, ou seja, oração-ação política, social, histórica, transformadora. Em sua formulação correta, a questão se coloca em termos de Mística e política. Como compaginar a paixão por Deus, característica de todo homem verdadeiramente religioso, com a paixão pelo novo e sua justiça, nota distintiva de todo militante político? Essa síntese, para ser completa e consistente, deve aproveitar toda a riqueza do *ora et labora*, da ora-

ção como encontro privilegiado com o Senhor; deve aproveitar também toda a verdade presente no *labora et ora*, todo valor religioso do trabalho e do compromisso realizador da justiça e da fraternidade" (29).

Mas Boff se pergunta também sobre como manter a unidade mística-política, como alimentá-la diante de todas as forças de desagregação e como dar consistência a esta fé, fruto da visão contemplativa e, ao mesmo tempo, libertadora. Uma expressão mais viva de fé verdadeira? Ele mesmo responde: "Aqui emergem dois pólos: a oração e a prática. Sem embargo, a questão não fica na polarização ou na justaposição. Cairíamos assim de novo em algum daqueles "monofisismos" que acima criticamos. É mister articular dialeticamente os dois pólos. É mister considerá-los como dois espaços abertos um ao outro, que se implicam mutuamente. Deve-se porém privilegiar um dos pólos da relação: o da oração" (30).

A contemplação, assim avaliada e vivida na realidade latino-americana, se reveste de profecia, pois ela professa a realização da libertação total do homem de tudo aquilo que obstacula e não lhe permite viver com dignidade e manifestar a glória de Deus. Nesta realidade, "toda experiência espiritual significa um encontro com um rosto novo e desafiador de Deus, que emerge dos grandes desafios da realidade histórica... Deus só possui sentido quando, de fato, aflora como o radicalmente importante de uma dada realidade em suas sombras e luzes. Desse modo, Deus não meramente como categoria definida dentro do marco religioso, e sim como acontecimento de sentido, de esperança, de futuro absoluto para o homem e sua história. Essa situação propicia uma experiência própria e típica do mistério de Deus" (31).

Neste artigo, não entramos muito no concreto da espiritualidade latino-americana. Esta se expressa melhor no seguimento de Jesus Cristo e na vida segundo o Espírito, o que pretendemos focalizar melhor em outros artigos.

NOTAS

(1) S. GALILEA, O Caminho da Espiritualidade. Visão atual da renovação cristã, São Paulo, 1985, 56. (2) Cf. L. BOFF,, La Experiencia de Dios. Bogotá, 77. (3) K. RAHNER, O Deus trino, fundamento transcendente da história da salvação em Mysterium salutis II/1, 304; apud L. Boff, id., 77. (4) Cf. Suor ELIZABETTA DELLA TRINITA, Scritti, Roma 1967. (5) Fundadores dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos). (6) Notes Cotidiennes XXXVI, 37: janeiro 1915; apud G. MANZONI, Leone Dehon e il suo Messaggio, Bologna 1989, 437. (7) L. BOFF, La experiencia de Dios, o. C., 79. (8) Ibid., 61. (9) Cf. E. SEMAIN, O Discurso programa de Nazaré (Lc 4, 16-19): REB 34 (1974) 261-287. (10) S. GALILEA, O Caminho da Espiritualidade, o. C., 65. (11) L. BOFF, La Experiencia de Dios, o. C., 62. (12) S. GALILEA, O Caminho da Espiritualidade, o. C., 65. (13) B. GONZÂLES BUELTA, O Deus oprimido. Em busca de uma espiritualidade da inserção, Rio de Janeiro 1989, 24. (14) S. GALILEA, O Caminho da Espiritualidade, o. C., 65-66. (15) L. BOFF, Vida segundo o Espírito,

Petrópolis 1987, 27. (16) S. GALILEA, O Caminho da Espiritualidade, o. C., 58. (17) Ibid., 61. (18) Cf. Ibid., 64. (19) Ibid., 59-60. (20) SANT'AGOSTINHO, Commento al Vangelo di San Giovanni, Omelia 17,8, in Opere di Sant'Agostino, Commento alla prima Espistola di San Giovanni, Vol. XXIV, Città Nuova Editrice, Roma 1968. (21) Cf. MHSI, Monumenta Nadal IV, 651. (22) Cf. S. GALILEA, Raízes da espiritualidade latino-americana, São Paulo 1984, Sabedoria do Deserto. Atualidade dos Padres do deserto na espiritualidade contemporânea, São Paulo 1986. Alguns carmelitas têm-se preocupado, particularmente nos últimos anos, em ler São João da Cruz a partir de temas que se enquadram na realidade teológica latino-americana: Cf. J. V. RODRIGUES, Dos temas sanjuanistas candentes: promoción de la persona humana lamada a la libertad: Monte Carmelo, 88 (1980) 411-430; Id., La Liberación en San Juan de la Cruz: TERESIANUM 36 (1985) 421-454; C. MACCISE, Lectura latinoamericana de San Juan de la Cruz desde una perspectiva liberadora, en Experiencia y pensamento en San Juan de la Cruz, EDE, Madrid 1990, 271-295. (23) G. GUTIÉRREZ, Beber no próprio poço, o. C., 41; Cf. Id., La fuerza histórica de los pobres, Salamanca 1979; S. GALILEA, O sentido cristão dos pobres, São Paulo, 1979; Id., Los pobres nos evangelizan?, Bogotá 1979. Desenvolveremos melhor este tema da pobreza no próximo capítulo, quando tratarmos da opção de Jesus pelos pobres. (24) Ch. BERNARD, "Contemplazione" in Nuovo Dizionario di Spiritualità, Roma 1985, 263. (25) L. BOFF, A Vida segundo o Espírito, o. C., 44. (26) Cf. I. ELLACURIA, La contemplación en la acción de la justicia: Diakonia (1977) 7-14. (27) Cf. FREI BETTO, Oração, uma exigência (também política): REB 42 (1982) 444-455. (28) Cf. L. BOFF, "Contemplativus in Liberatione". Da espiritualidade de libertação à prática de libertação: REB 39 (1979) 571-580; FREI BETTO, Oração na ação, Petrópolis 1982. (29) L. BOFF, "Contemplativus in Liberatione", o. C., 575. (30) Ibid, 576. (31) Ibid, 571-572. □

Todos irmãos porque o pai é comum

As sementes do Verbo estavam já presentes e iluminavam o coração dos vossos antepassados, para que fossem descobrindo os vestígios do Deus Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe terra, os vulcões e as selvas, as lagoas e os rios. Mas, à luz da Boa Nova, eles descobriram que todas aquelas maravilhas da criação não eram senão um pálido reflexo do seu Autor, e que a pessoa humana, por ser imagem e semelhança do Criador, é muito superior ao mundo material e está chamada a um destino transcendente e eterno. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus feito homem, com a sua morte e ressurreição, libertou-nos do pecado, tornando-nos filhos adotivos de Deus e abrindo-nos o caminho para a vida que não tem fim. A Mensagem de Jesus Cristo fez-lhes ver que todos os homens são irmãos, porque têm um Pai comum: Deus. E todos estão chamados a fazer parte da única Igreja, que o Senhor fundou com o seu sangue. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

MISSÃO: DA AMÉRICA LATINA AO MUNDO

Os Religiosos ao se darem aos últimos manifestam a revelação de Deus em Jesus Cristo.

Irmã Rosa Mareschi, MC
Rio de Janeiro, RJ

1. Missão profética: Martirial — Pascal

O que motiva as religiosas(os) a optar por uma missão, onde os sinais de morte estão presentes com toda a sua força destruidora é a sua experiência com o Deus da Vida e com a realidade do povo. Nessa experiência, eles descobrem o sentido da sua missão dentro dos acontecimentos históricos, dentro de um contexto sócio-político cultural concreto.

Pela ação profética o povo desperta e começa a descobrir as causas da opressão e da miséria, começa a procurar apoio naquele que é fiel a Deus e a ele próprio, começa a resgatar a própria identidade, resultando disso, uma nova consciência de filiação e de missão.

Nesta dimensão profética a vida religiosa aprofunda as suas raízes, alimenta-se, revigora-se, desperta para uma maior criatividade e responsabilidade missionária, anima-se na busca de uma nova práxis de evangelização libertadora e transformadora.

Porém, a missão do verdadeiro profeta, geralmente, não é reconhecida e acolhida pela instituição. O profeta "situado", passa a sofrer perseguição e marginalização, "desprezaram tua lei e mataram os profetas que os advertiam e se converteram para ti" (Ne 9,26).

Quem se coloca ao lado do pobre e marginalizado, quem não se cala diante das injustiças, envereda por um caminho que leva necessariamente à morte ou a ser "cravado na cruz com Cristo" (Cf Gál 6,14) e também à fecundidade da morte (Jo 12,24); é o perene mistério pascal de morte e ressurreição encarnado pelo profeta.

Os(as) missionários(as) na hora em que reconhecem e aceitam o convite desinstalador de Deus, quando recusam ficar ao lado dos fortes, dos abastados para pôr-se ao lado dos pobres e dos outros, nesta

hora são condenados e crucificados, mas, é nesta hora da cruz que uma luz desponta para a humanidade, nesta hora realiza-se o direito e a justiça, porque o servo fiel não cedeu e não se deixou abater, tornou-se luz das nações e restaurador dos povos, abriu os olhos aos cegos, tirou do cárcere os prisioneiros (Cf Is 42,1-4;7).

Estes são os homens e as mulheres de Deus que até à consumação dos séculos, manterão em pé o sentido verdadeiro da história da salvação, mostrando o verdadeiro rosto de Deus em Jesus Cristo.

2. Testemunhas

O Papa na Redemptoris Missio aponta o testemunho cristão como a primeira e insubstituível forma de missão, sendo o Cristo a "testemunha" por excelência e o modelo de testemunho cristão.

O nº 42 da RM, desafia profundamente a vida religiosa impelindo-a para uma postura profético-carismática e aponta Jesus para os últimos da história.

O testemunho cristão na América Latina explicita-se, de especial modo, na acolhida e na valorização do pobre e do "outro" diferente, na solidariedade com eles e com suas culturas, ajudando-os a resgatar-se e a assumir-se com suas características positivas e negativas, a fazer a sua história. É preciso testemunhos de vida contra os mecanismos de morte.

Testemunhas que ouvem, vêem e seguem, diariamente, o Cristo sofredor, encontram-se nas grandes periferias e no campo, com as grandes massas e minorias étnicas, longe dos grandes centros de decisões e bem-estar. São as testemunhas que ainda acreditam nos meios pobres, débeis, fracos, sobretudo acreditam, nos irmãos empobrecidos e marginalizados e, estão dispostos a testemunharem que o evangelho é a Boa Notícia e que o Reino já chegou para os simples e os pobres; que, coisas novas estão acontecendo, que a morte está se tornando vida. Estas testemunhas deixaram-se imbuir pela mística da missão da marginalização, apaixonaram-se pelo Reino, por uma missão que vai além das próprias fronteiras e, assumiram posições corajosas e proféticas em face da corrupção, do poder político e econômico (RM nº 43). Os religiosos(as) testemunhando na gratuidade, fazem surgir questionamentos que orientam para Deus e o Evangelho, para uma conversão radical, abrem uma nova fase para história da vida cristã, um modo alternativo e profundamente evangélico de vida religiosa, hoje.

3. Anúncio e denúncia

O nº 45 da RM, tem o seu eixo central no anúncio e, isto constitui a vocação fundamental da Igreja (EN 14).

Na América Latina o anúncio é feito a partir de um contexto histórico diferente do que tem sido até hoje. A pobreza generalizada que tem como referencial a realidade Latino-Americana, dá uma confi-

guração peculiar a este continente pobre e cristão.

A irrupção das grandes massas empobrecidas, vão dizer à Igreja como e quando deve-se fazer o anúncio do evangelho dentro de sua realidade, uma realidade que está emergindo e se fazendo.

O anúncio de um mundo novo saiu com veemência da boca de Isaías, numa das passagens mais profundas e ricas da Bíblia: "Observem, eu vou criar um novo céu e uma nova terra: do passado não haja recordação, nem pensamento, mas gozem e alegrem-se sempre pelo que vou criar... e nela já não se ouvirá nem prantos, nem gemidos, ali não haverá crianças raquíticas, nem adultos que não cheguem à plenitude da sua idade. Construirão casas e habitarão nelas, plantarão vinhas e comerão seus frutos, nem construirão para que o outro habite, nem plantarão para que o outro coma sua colheita... e, meus eleitos desfrutarão dos trabalhos de seus braços" (Is 65,17-22).

Nas afirmações de Isaías trovejam palavras de vida contra uma situação de morte; o mundo novo preconizado é um estímulo para lutar até que o projeto da sociedade coincida com o projeto de Deus e, a vida possa ser vivida na sua plenitude, usufruindo dos bens, do fruto do próprio trabalho.

A pregação do profeta é consoladora e libertadora, abre perspectivas novas e tem o seu eixo principal na ótica dos pobres e oprimidos por uma sociedade que explora e cria "empobrecidos" (*).

A Vida Religiosa na A.L., nesses últimos 20 anos, torna-se mais sensível aos gritos dos empobrecidos do continente, nesses gritos começa a abrir novos espaços e, dentro de um caminho permeado de experiências próprias, de uma nova práxis, ela assume a missão como um projeto libertador dentro de sua exigência de anúncio e denúncia. É esta uma maneira nova de seguir a Jesus; o campo social e político, torna-se o campo da experiência do Deus libertador. A opção de santificar e libertar a vida e a história pelo compromisso com os últimos da sociedade, anunciar o Cristo libertador, é caminho da cruz, caminho que incomoda a quem prefere os privilégios à profecia. É o deserto com as suas incertezas, é uma experiência que jorra da prática libertadora de um povo oprimido; é dar um pulo na fé e no seguimento de Jesus Cristo; é arriscar em primeira pessoa e estar disposto a perder tudo para se tornar livre para o anúncio da bondade e o amor do Pai e, para denunciar a realidade de pecado que desfigura o rosto dos filhos de Deus.

4. Missão libertadora

A dimensão de libertação é parte integrante, essencial, indispensável da missão evangelizadora da

---

* RICHARD, Pablo (org.) **Raízes da teologia Latino-Americana.** Ed. Paulinas — São Paulo, 1988, p. 341s.

Igreja do continente latino-americano.

A missão libertadora luta pela libertação do homem em situações concretas, em vista de uma sociedade nova, uma tentativa de resposta às novas fases da história.

A libertação é processo, é ação, é luta dos pobres contra o pecado de opressão e exploração, cometido por eles quando, tendo consciência da situação, o aceitam passivamente. A libertação não é uma mensagem é ação do próprio empobrecido e oprimido. Aos(as) religiosos(as) comprometidos(as) com a realidade, cabe-lhes descobrir o nexo entre evangelização e ação, entre fé e vida, entre a salvação e a promoção humana e, estabelecer uma unidade de operação. Cabe-lhes também, promover a unidade de objetivos da missão para que a libertação não seja um conjunto de doutrinas ou de obras assistenciais e sim, o próprio conteúdo da salvação, isto é a libertação total. Perceber e favorecer esse vínculo de unidade entre o objeto-evangelização e, o objeto-libertação é exigência profunda e vital da missão, hoje, na América Latina.

A missão libertadora abre caminhos para que o povo oprimido perceba as causas da situação de injustiça e procure combatê-las.

Seguindo o caminho de Cristo libertador, a missão a partir da A.L., assume uma postura clara em relação à situação atual de injustiça e do processo de libertação do pecado social estrutural. Esse novo modo de fazer missão faz nascer a Igreja de Cristo no coração do homem, das culturas, da história, faz nascer uma Igreja sol capaz de iluminar os seus filhos com a propria luz.

5. Novas perspectivas missionárias

Para a América Latina abrem-se novas perspectivas missionárias. Aparece um novo sujeito histórico de evangelização, uma nova metodologia, uma nova espiritualidade, a fé começa a brotar conforme a peculiaridade da cultura L.A. A uniformidade, a unilateralidade e, a única e invencível verdade da religião católica, estão cedendo o lugar a uma reflexão e práxis tipicamente L.A. O povo dentro de suas normas, suas leis, seus ritos, sua cultura encontra os meios para se tornar o homem L.A., feliz e realizado na sua identidade mais profunda.

As CEBs são um espaço privilegiado, um caminho em direção a um novo modo de ser Igreja missionária e os religiosos têm uma atenção muito grande nessa Igreja de base.

Na E.N., nº 58, as CEBs são chamadas de "esperança para Igreja universal" e, dentro de uma Igreja vasta e diversificada aceita que a Igreja se encarne de outras maneiras, mantendo firme o princípio de abertura para o mundo e da exigência cristã de anunciar o evangelho a todos, até os confins da terra, enquanto responde às exigências missionárias de hoje, que se revela nos gritos da humanidade,

nos milhões de irmãos que vivem a marginalidade estrutural em situações anti-humanas, anti-fraternas.

As Cebs podem reforçar e concretizar a "hora missionária" (Cf. Puebla 368), dar um novo impulso missionário "ad intra" e "ad extra", colocar-se diante dos novos desafios em dimensão missionária universal do Reino (RM nº 51).

Nas CEBs, enquanto se vive a fé, a utopia da esperança, a luta pelos direitos humanos, se reparte o Pão da palavra e da Eucaristia, o Espírito Santo fará sentir forte o seu apelo para que alguém da comunidade, seja enviado para pregar o evangelho àqueles que nunca ouviram, como outrora aconteceu na Igreja de Antioquia com Barnabé e Paulo (Atos 3) que, deixando-se enviar pela comunidade, fizeram acontecer a hora missionária.

Os(as) Religiosos(as) ao se dar aos últimos da sociedade, aos mais afastados e marginalizados manifestam a revelação de Deus em Jesus Cristo. Isto é, a confirmação do seu amor e um novo modo de se tornar presente entre os homens. Manifestam também a irrupção da bondade divina no humano da história.

A missão, a partir da ótica Latino-Americana, desafia e impele para uma mudança de mentalidade, para uma mudança de vida, obriga a "abrir as portas", a "empobrecer" para se aproximar e entender o pobre e o "outro" e aprender a caminhar com eles; obriga também, a "sair" além das próprias fronteiras para cumprir o envio de Jesus Cristo a todos os povos e nações (cf. Mc 16,15), para concretizar a missão da Igreja que é convidada a "sair" para ir a todas as pessoas como "sacramento universal de salvação" (Ag 1; Cf Lg 48).

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. A dimensão martirial da Vida Religiosa pode provocar perseguição e marginalização. Podemos dizer que o fato de haver perseguição e marginalização em uma dada situação concreta implica necessariamente que esteja acontecendo a dimensão martirial? O próprio nome "mártir" pode e deve ser usado em qualquer situação de perseguição e marginalização?

2. A autora coloca que o "testemunho cristão na América Latina explicita-se, de modo especial, na acolhida e na valorização do pobre e do outro diferente, na solidariedade com ele...". Nesta perspectiva, que testemunhos você observa expressados no seu trabalho pessoal e no de sua comunidade no lugar em que estão presentes?

3. "Lutar até que o projeto da sociedade coincida com o projeto de Deus". Você vê esta frase compatível com um mundo de modernidade onde os projetos não são dados (por Deus ou por qualquer outro) mas negociados e construídos num real diferenciado? Como ficaria o anúncio cristão neste quadro? □

APROXIMAÇÃO, SOLIDARIEDADE E IDENTIFICAÇÃO

UMA LEITURA CRISTOLÓGICA DO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

Encarnação: o Pai envia o Filho em missão. O Filho assume nossa história, fazendo-se um conosco, próximo e solidário e nos revela nosso valor e nossa dignidade divinos.

Pe. Cleto Caliman, SDB
Belo Horizonte, MG

A cristologia responde à questão fundamental do cristianismo: quem é Jesus de Nazaré, o Cristo e Senhor, para nós? Frente a essa pergunta, sempre cortante e atual, todos somos provocados a uma decisão que diz respeito à nossa vida e ao nosso destino.

Hoje, como seguidores de Jesus Cristo, buscamos resposta que seja pertinente à realidade do nosso continente: uma sociedade complexa, pluralista e contraditória, como a que nos coube no limiar do terceiro milênio do cristianismo; num continente que há 500 anos recebeu o Evangelho, mas não superou ainda as feridas do processo de conquista e colonização. Mais ainda: acrescentou as marcas de um processo dependente e subalterno de modernização, onde a pobreza aumenta não apenas quantitativamente mas também qualitativamente, num processo escandaloso de miséria e exclusão social, étnica e cultural. É dentro dessa realidade conflitiva e excludente que devemos dar nossa resposta à interpelação da fé.

Não é papel de um documento do magistério episcopal, como o de Santo Domingo (de ora em diante = DSD), oferecer resposta pronta e feita à pergunta que nos preocupa. O que ele pode oferecer são elementos para orientar nossa ex-

periência cristã e sua interpretação à luz do Evangelho. Neste sentido, o documento de Santo Domingo pode nos apresentar critérios para a leitura da tradição, intuições e indícios que nos ajudam a construir para nós uma resposta que dê razão de nossa esperança, como cristãos na América Latina.

Cabe, neste momento, buscar uma leitura situada na moldura histórica mais ampla em que o documento encontra seu sentido maior como acontecimento eclesial.

A Assembléia. Pode-se discutir em torno da natureza dessa assembléia episcopal e os limites de sua realização. Uma coisa, no entanto, pode considerar-se segura: como as demais conferências do Rio (1955), de Medellín (1968) e de Puebla (1979), ela está determinada por um objetivo bem específico, que é pastoral, ou seja, atualizar a resposta pastoral da Igreja na América Latina aos desafios da realidade em transformação. É a partir de sua sensibilidade pastoral que os bispos desenvolvem sua reflexão teológica mais incisiva. Por isso o conjunto do documento deve ser lido à luz e a partir da III parte: "Jesus Cristo, Vida e Esperança da América Latina. Linhas Pastorais Prioritárias". É para onde nossos pastores querem orientar o ardor missionário da Igreja no continente.

O texto. A maneira como se desenrolou a Assembléia de Santo Domingo define também as condições de produção do texto. Tomar conhecimento dessas condições de produção pode nos ajudar a compreender o que ele quer dizer para nós. Como se apresenta, o texto final tem seus limites. A parte doutrinal (I. Jesus Cristo, Evangelho do Pai) onde se encontra a reflexão cristológica explícita traz uma intuição fundamental e uma chave de leitura essencial da experiência cristã: a centralidade de Cristo no projeto salvífico de Deus. Esse eixo fica bem sublinhado pelo lema "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). Essa referência à herança teológico-dogmática da Igreja expressa, a centralidade de Cristo para além das contingências históricas.

A parte pastoral (II. Jesus Cristo, Evangelizador vivente em sua Igreja) é que melhor espelha a realidade latino-americana. Foi onde os bispos puderam se expressar a partir de sua experiência pastoral. Ali o texto se torna mais coerente com a reflexão teológico-pastoral que se desenvolveu no continente nos últimos decênios. Nessa parte, sobretudo, podemos desentranhar uma "cristologia implícita", isto é, aquela que está implicada na prática histórica e eclesial refletida nos textos pastorais.

I — "Jesus Cristo, Evangelho do Pai"

Jesus Cristo em pessoa é a boa-nova do Pai. Ele revela em obras e palavras o amor misericordioso e compassivo de Deus para conosco. Faz-nos descobrir um Deus próximo de nós, no centro de nossa busca humana. Esse é o Deus de Je-

sus Cristo. Essa é a intuição da "profissão de fé" colocada no início do documento. Em Jesus de Nazaré, o Cristo, é oferecida a salvação a todos os homens e mulheres, de todos os tempos e lugares.

Essa afirmação se impõe como evidência da fé. Ela é, fora de qualquer dúvida, válida e fecunda para todos os tempos e lugares. Os cristãos da América Latina não colocam em dúvida nada disso. O caráter amplo e universal dessa profissão de fé ajuda-nos a lançar nosso olhar crente para além de nossas formulações, e a nos compreendermos dentro de uma comunidade mais ampla de fé e de vida. Alarga-se, pois, nosso olhar para o horizonte em que o próprio Deus oferece a salvação universal a todo ser humano. Vejamos agora, em forma esquemática, como a I parte propõe a verdade sobre Jesus Cristo para nós hoje:

— Sob a chave dogmática de Hebreus 13,8, o texto apresenta Jesus Cristo como centro do desígnio de Deus e "Senhor dos tempos" (DSD 3; e "da história": DSD 2).

— Enviado pelo Pai, o Filho anuncia o Reino como boa-nova aos pobres (DSD 4).

— Esse Reino "se realiza mediante a fé na Palavra de Deus"; se faz presente na vida e nas palavras dele. Exige tanto o "amor de Deus" quanto o "amor fraterno", ou seja, "a natureza do Reino é a comunhão de todos os seres entre si e com Deus (RMi 15. DSD 5).

Para a sua realização "Jesus institui os Doze", tendo "Pedro como fundamento", e "instituiu o sacramento do seu amor, a Eucaristia" (DSD 6).

"Ressuscitado... é Senhor, consubstancial ao Pai". "A ressurreição confere alcance universal à mensagem de Cristo, à sua ação e a toda sua missão" (RMi 16). Pelo Espírito, enviado em Pentecostes, "a Igreja foi enviada a anunciar o Evangelho" (DSD 7).

Limites. Nessa rápida síntese, pode-se logo observar que aí se encontram grandes temas de nossa fé. Há, porém, na seqüência apresentada, uma lacuna que deve ser preenchida. A Cruz não aparece na devida luz. A tradição sempre valorizou os mistérios da vida de Jesus, sua história pessoal e a Cruz. A nossa fé, tem como núcleo básico o mistério pascal, que engloba indissociavelmente vida, paixão, morte e ressurreição. O próprio encadeamento faz parte da compreensão da fé cristã. Sem a afirmação clara e explícita de um dos elos, a profissão de fé na ressurreição gloriosa corre o risco de nos distanciar da história, de sua realidade conflitiva. Na verdade, a ressurreição só é compreensível como coroamento de uma vida entregue, solidária com os homens e mulheres de todos os tempos, especialmente dos negados e excluídos. Colocada a cruz na penumbra, também a história pessoal de Jesus de

Nazaré parece ficar fora do nosso olhar crente.

A visão da I parte deve ser ampliada pela cristologia "implícita" da II parte, onde melhor podemos desvelar a figura de Jesus nos rostos sofridos dos pobres do continente.

II — "Jesus Cristo, evangelizador vivente em sua Igreja"

Graças ao dinamismo do Espírito, presente tanto na pessoa, nos feitos e nas palavras de Jesus, quanto na vida da Igreja, podemos estabelecer uma correlação entre a prática histórica de Jesus e a prática histórica de nossas Igrejas hoje. Assim podemos ter acesso a uma visão de Jesus que se revela na própria prática eclesial e em sua reflexão.

Evidentemente, refletindo sobre a vida da Igreja na América Latina, nossos bispos o fizeram como pastores. Seu olhar não se limita a uma visão sócio-analítica. Eles buscam compreender os fenômenos sócio-culturais e eclesiais numa ótica pastoral: por um lado, fazem presente a realidade e seus desafios; por outro, o Evangelho vivo, que é Jesus Cristo, a norma de toda a vida e ação da Igreja no mundo. Sua reflexão parte da conjunção desses dois elementos. Nesta parte, então, podemos descobrir alguns elementos cristológicos que estiveram ausentes ou não se fizeram presentes com a força que se esperava na parte mais doutrinal.

Passando pelos 3 capítulos que compõem a II parte queremos ressaltar apenas aqueles elementos cristológicos que nos pareceram mais iluminadores para compor um "retrato" de Jesus Cristo mais ligado à nossa experiência histórica e eclesial.

Faremos isso a partir de uma categoria que nos pareceu chave para o conjunto do texto: a categoria da "encarnação". Ela expressa, na teologia cristã, o movimento que vem do Pai, o qual envia o Filho em missão. Esse processo coloca Jesus de Nazaré, o Cristo, bem no centro da vida humana. Ele assume nossa história, fazendo-se um conosco, próximo e solidário. Identificando-se com cada ser humano, revela-lhe o valor e a dignidade divinos. O DSD afirma:

"Desde a encarnação, ao assumir o Verbo nossa natureza e sobretudo sua ação redentora na cruz, mostra o valor de cada pessoa. Por isso mesmo, Cristo, Deus e homem, é a fonte mais profunda que garante a dignidade da pessoa e de seus direitos." (DSD 164. Cf. 228, 13, que cita GS 22).

Para aprofundar a categoria básica da encarnação buscamos no DSD três categorias, que poderão nos ajudar a delinear uma cristologia mais próxima da reflexão teológico-pastoral do continente. Para isso escolhemos alguns pontos que nos pareceram mais reveladores dos 3 capítulos que compõem a II parte.

a) Proximidade

A primeira categoria é a de proximidade. Antes de mais nada, o evangelizador por excelência, Jesus, como enviado de Deus, faz uma experiência em dupla direção: uma, na direção de Deus, que lhe é tão próximo e íntimo que ele reconhece como Pai amoroso (Abba). Outra na direção do ser humano, reconhecido na sua diferença, mais do que isso, encurvado e oprimido pelo poder do pecado e da morte. A esse ser humano assim caracterizado é que se dirige Jesus de Nazaré, como "Evangelho do Pai", modelo do evangelizador.

Na verdade, o que se quer expressar aqui é que a condição primeira para ser evangelizador é a santidade de vida, que manifesta a presença plenificadora de Deus. O DSD nos apresenta essa orientação fundamental no parágrafo sobre "a Igreja convocada à santidade" (DSD 31-53). Mesmo em seus limites intraeclesiais, é de fundamental importância pelo fato de estabelecer a fonte primeira de todo ardor missionário. Santidade é acima de tudo proximidade a Deus. Ela é constitutiva do "ser evangelizador". É esse estar próximo de Deus que faz de Jesus "Evangelho vivo" do Pai.

Mas a proximidade a Deus não pode estar separada da proximidade ao outro, quer seja a multidão, quer seja uma pessoa apenas, do mesmo modo como o amor a Deus não pode estar separado do amor ao próximo. O DSD aponta, nesta direção, para Jesus como "bom Pastor", modelo dos ministros ordenados que devem estar próximos de suas comunidades (cf. DSD 74-75). O que se diz aí para o ministério ordenado, no entanto, vale para todo e qualquer batizado no exercício da missão evangelizadora. É essa proximidade que nos faz descobrir nos rostos sofridos do continente (cf. DSD 178-179) a própria face do Senhor.

Essa proximidade se faz no diálogo e na partilha de "situações de sofrimento e ignorância, de pobreza e de marginalização, das aspirações de justiça e de libertação" (DSD 74), como "presença humilde no meio de nossas comunidades para que todos possam sentir a misericórdia de Deus" (DSD 75).

Descrevendo o ministério da Igreja o documento revela os traços do ministério de Jesus de Nazaré e sua maneira de ser: o bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas.

b) Solidariedade

A segunda categoria que nos ajuda a aprofundar a figura de Jesus de Nazaré, o Cristo, é a da solidariedade. Compreende-se melhor sua pessoa e sua obra, acompanhando-o na passagem da aproximação ao outro ao compromisso de vida, pela solidariedade com o pequeno, o pobre, o doente, o pecador, a mulher marginalizada, enfim os "rostos sofredores" de todos os tempos.

O texto sobre "promoção humana" (II. parte, cap. II) é onde mais se revela melhor a experiência eclesial latino-americana, sua reflexão teológico-pastoral e seu vigor profético. Nele a promoção humana se compreende não como mero desenvolvimento de dimensões setorizadas da pessoa humana (social, política, cultural etc.), mas como um processo global, envolvendo a totalidade da pessoa e da sociedade em busca de uma realização mais humana no horizonte do Reino.

Dentro da tradição teológico-pastoral do continente, o conceito que melhor expressa o que se entende por "promoção humana" é o conceito, pouco utilizado no DSD, de "libertação integral", entendida quer como processo histórico quer como meta a ser alcançada. Essa é a perspectiva de libertação que perpassa as Conclusões de Medellín e de Puebla e define a nossa tradição recente da reflexão teológico-pastoral.

De fato, diz o DSD, nossa sociedade, marcada pela "exclusão social, étnica e cultural" (179) se caracteriza pela negação do outro, especialmente do pobre, como sujeito. O passo fundamental de toda "promoção humana" consiste, pois, em reconhecer o outro, especialmente o pobre, como sujeito, e a plena vigência de sua dignidade e de seu valor.

A evangelização, a exemplo de Jesus, não pode prescindir do reconhecimento do outro como sujeito: "repartir o pão multiplicado à multidão necessitada" (DSD 159), encarnar a caridade, como o bom samaritano (ibidem) e assim por diante, expressam a "compaixão de Deus".

Nessa perspectiva, se reafirma em várias passagens a "opção evangélica e preferencial pelos pobres" (DSD 178 e 179, entre outras) como inspiradora de toda a ação eclesial: "Sob a luz desta opção preferencial, a exemplo de Jesus, nos inspiramos para toda ação evangelizadora comunitária e pessoal".

Os pobres se tornam, então, mediação necessária para desvelar a figura de Jesus. Eis a leitura que todo fiel deve fazer: "descobrir nos rostos sofredores dos pobres" (a realidade que marca nosso continente) "o rosto do Senhor" (a compreensão que deve brotar de nossa visão crente).

No conjunto, a reflexão pastoral dos nossos bispos sobre a promoção humana revela um dos traços fundamentais do ser de Jesus e do seu ministério: ele não apenas se "aproximou" dos pobres e marginalizados de seu tempo. Neles ele se faz solidário com os demais e manifesta a solidariedade de Deus com a humanidade inteira.

c) Identificação

Uma terceira categoria para compreender quem é mesmo Jesus Cristo pode ser a da identificação. Ela especifica a encarnação como um processo pelo qual o Verbo, o Filho de Deus, se aproximou e se fez solidário não como alguém "de

fora", exterior ao drama da vida humana. Na realidade, ele se une a nossa humanidade (cf. GS 22; SDO 13), reconhecendo-a na sua diferença, na sua alteridade, não para invadi-la, mas para assumi-la e libertá-la desde dentro.

O DSD oferece mais uma especificação importante para caracterizar esse processo ao afirmar a importância da dimensão cultural: "Jesus Cristo, na encarnação, assume e expressa todo o humano, exceto o pecado. Então o Verbo de Deus entra na cultura... se encarna na cultura de seu povo" (DSD 228). Ele assume, desta forma, sua maneira de ser, de partilhar e dar sentido à própria vida.

Assim é que a encarnação adquire uma dinâmica nova pela qual Jesus, inserindo-se na história de seu povo, se identifica com ele, até as raízes de sua identidade. Pode assim compreendê-lo. Abre-se à compaixão e à misericórdia ante a multidão. Acolhe os pecadores, os pequenos e marginalizados. Com gestos e palavras resgata a identidade perdida dos excluídos e deserdados. Eles podem assim caminhar de cabeça erguida e segui-lo.

Em Jesus de Nazaré o próprio Deus se entrega para libertar o humano, não a partir de fora dele mesmo, mas a partir de dentro, da realidade mais profunda.

Esse processo encarnatório perpassa toda a realidade do humano: o social, o político, o econômico, o religioso e o cultural, até a profundeza do "eu" pessoal, de onde renasce a criatura nova segundo o Espírito, com nova consciência de si e novas práticas segundo a utopia do Reino.

A reflexão cristã sobre a encarnação deve hoje dar mais um passo na compreensão teológica da inculturação não apenas como processo atual, necessário à efetivação histórica do Evangelho, mas também como processo vivido na carne por Jesus de Nazaré.

Por um lado, a inculturação deve ser compreendida em analogia com a encarnação. Não são a mesma coisa. Na verdade, o Verbo "desce" desde o Pai e se insere na história humana e em sua cultura, sem ter uma cultura que antecede a esse processo. No processo de inculturação o processo é diferente. O sujeito humano vai ao outro, já culturalmente situado, a partir de sua própria cultura. Ambos se situam no mesmo nível, marcados que estão, cada um, por sua própria cultura, sua maneira de ser, de viver e de produzir sentido, que lhes define a identidade pessoal e social.

Por outro, creio que se deva refletir sobre esse processo de inculturação não apenas como processo atual, que nos atinge a todos, mas também como processo experimentado e vivido pelo sujeito humano concreto chamado Jesus de Nazaré. Ele também fez a experiência humana de reconhecer o outro em sua realidade culturalmente situada em seu tempo, com uma geografia humana bem definida, identificando-se com ele. Mais: a boa-nova

do Reino não lhe chega, sem mais, como idéia abstrata, mas como experiência, humanamente vivida e culturalmente expressa, em palavras e gestos de sua relação profunda com Deus e do impacto profético dos "sinais dos tempos" que ele viu e interpretou na realidade de seu tempo. Assim, o Evangelho se fez antes experiência em Jesus de Nazaré, tomando a forma de sua cultura. Depois esse mesmo Jesus acolhe os destinatários da boa-nova e sua cultura, para inserir-se nela, transformando-a desde dentro.

Neste sentido, o DSD nos recorda a norma de interpretação cristológica da carta aos Hebreus: "Ele foi provado em tudo igual a nós, exceto no pecado" (4,15. Cf. DSD 243). Nasce numa família humana (cf. 213), percorre as etapas da vida de toda pessoa humana, passando pela infância, juventude e idade adulta (cf. 111), assume a condição de trabalhador e filho de carpinteiro (cf. 182), "faz-se peregrino e passa pela experiência dos desenraizados" e educa seus discípulos, fazendo-os passar pela mesma experiência (cf. 186). Enfim, ele "se fez um conosco, assumindo a condição de servo em tudo o que envolve nossa condição humana, menos o pecado, para transformá-la, vivificá-la e fazê-la cada vez mais humana e divina" (cf. 121).

Concluindo: O documento de Santo Domingo, mesmo desigual e incompleto, nos estimula a uma visão pertinente de Jesus Cristo no contexto da América Latina. Encontramos nele elementos que, refletidos à luz da tradição cristã, dando continuidade ao processo de evangelização impulsionado pelo Concílio Vaticano II, atualizados para a realidade latino-americana pelas Conferências de Medellín e Puebla, fortalecem a presença profética da Igreja e renovam o ardor missionário dos evangelizadores.

Textos que refletem situações e interesses diferenciados, para não dizer conflitivos, nos ajudam a perceber a diversidade dentro da Igreja, torna-nos mais humildes frente ao dinamismo do Espírito que é capaz de fazer da diversidade de povos e culturas uma unidade construída na fé e na esperança. É o Espírito de Jesus Cristo que dentro do processo de inculturação da fé nas diferentes culturas, na tensão entre diferentes práticas históricas e eclesiais, de variadas tradições dentro da mesma Igreja, mantém a referência ao mesmo Jesus Cristo, morto e ressuscitado, Senhor da História.

A exploração do texto de Santo Domingo nos permitiu articular a intuição da I. parte, mais doutrinal, com os traços cristológicos encontrados na II. parte, mais ligada à prática histórica e eclesial de nossas Igrejas, através do conceito teológico fundamental da "encarnação", explicitado pelas categorias intermédias de "proximidade", "solidariedade" e "identificação". Frente aos novos desafios, os se-

guidores de Jesus Cristo hoje são convocados para uma nova evangelização. Essas três categorias orientam nossa compreensão da evangelização como aproximação e diálogo, solidariedade e libertação, identificação e inculturação.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Toda cristologia procura responder à questão de "Quem é Jesus de Nazaré, o Cristo e Senhor, para nós". O que significa, como a de Santo Domingo, em que Jesus Cristo é apresentado como "Evangelho do Pai"? O que implica isto para a nossa vida prática pastoral?

2. A visão cristológica de Santo Domingo parece limitada em alguns aspectos que o autor do artigo destaca. Que valor você percebe em retomar estes temas, em especial o encadeamento *dos mistérios da vida, morte de cruz e ressurreição?*

3. O mistério da encarnação evangelizadora supõe, ao que parece, três posicionamentos: proximidade, solidariedade e identificação. *Como podem ser percebidas a presença destas três características no seu processo pessoal de evangelização e no de sua comunidade?*

Renovado esforço de inculturação

Irmãos e Irmãs Indígenas: acerca do lugar que vos corresponde na Igreja, exorto todos a fomentarem aquelas iniciativas pastorais que favoreçam uma maior integração e participação das comunidades indígenas na vida eclesial. Para isso, deve-se fazer um renovado esforço no que se refere à inculturação do Evangelho, pois uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada e nem com fidelidade vivida. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

A Igreja eleva a sua voz de condenação

A Igreja conhece, queridos filhos, a marginalização que sofreis; as injustiças que suportais; as sérias dificuldades que tendes para defender as vossas terras e os vossos direitos; a freqüente falta de respeito pelos vossos costumes e pelas vossas tradições. Por isso, ao cumprir a sua obra de evangelização, ela quer estar junto de vós e elevar a sua voz de condenação, quando é violada a vossa dignidade de seres humanos e filhos de Deus; quer acompanhar-vos pacificamente como o exige o Evangelho, mas com decisão e energia, na obtenção do reconhecimento e da promoção da vossa dignidade e de vossos direitos como pessoas humanas. *João Paulo II, Mensagem aos Indígenas da América, em 13 de outubro de 1992.*

COM OS OLHOS DO CORAÇÃO

SOBRE O SENTIDO DOS ÍCONES NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

"Mire que le mira"
Santa Teresa de Jesus

Roberto S. Bartholo Jr.
Rio de Janeiro, RJ

1. Para além das "luzes da razão"

Traço notável no Cristianismo oriental é a veneração aos ícones, as imagens sagradas. Uma atitude perante a qual nós, ocidentais, comprometidos com as "luzes da razão", precisamos reencontrar a humildade dos aprendizes. Esse reencontro talvez possa começar com a escuta de palavras que soam cortantes a nossos ouvidos "iluminados". Palavras como as de um dos principais teólogos do século XX da Igreja Ortodoxa russa, Serguei Bulgakov (1871-1944), ditas em seu exílio parisiense durante a dominação soviética: um edifício sem ícones é vazio (1).

A religiosidade do povo russo possui aguda percepção de que nos ícones a Graça divina se apresenta sensorialmente à humanidade. O lugar físico dos ícones domésticos evidencia aos sentidos das famílias russas a bênção da presença de Deus e o compromisso com a herança espiritual das gerações. E assim que uma canção russa de ninar vai dizer "leva contigo uma imagenzinha no caminho, põe-na diante de ti como um escudo para rezar". Mas nada parece falar mais alto que o santo exemplo do gesto do *starets* Parfenij de Kiev (morto em 1855), ao fechar com um ícone da Virgem Maria a única janela de seu claustro, dizendo: "para que quero a luz exterior? Que ela, a toda pura, seja o brilho mais claro de meus olhos e minha alma!" (2).

O ser humano tem na *relacionalidade* sua verdade profunda (3). A existência humana é co-existência. O ser humano se percebe e realiza humanamente nos encon-

tros. A antropologia do sujeito autocentrado nas certezas que se dá a si mesmo não co-responde à síntese dialética da personalização: dom e acolhida no duplo movimento que vai do eu ao tu e do tu ao eu. A teologia trinitária cristã nos envia à concepção relacional da pessoa humana: somos um "eu e tu" chamado a se tornar um "nós". Um "nós" que frutifica no encontro e do encontro amoroso que unifica na pluralidade. Pessoa humana cristã: ouvinte obediente (fiel) da Palavra amorosa de Deus feita carne em Jesus. Palavra que a interpela como um "tu" dirigindo seu apelo a um "eu", para em liberdade sermos um "nós".

Se podemos repetir com um dos filósofos da modernidade, Martin Heidegger, que falamos sempre, na vigília ou no sonho de modo que "... para dizermos o que é o homem precisamos partir da linguagem" (4), a linguagem nos mostra como a pessoa humana é chamada a realizar-se, e se realiza, nos encontros com os outros. O "eu" da linguagem não se concebe sem o "tu" da linguagem que se instituem na reversibilidade comunicativa.

A linguagem humana é essencialmente um fato simbólico. E o teólogo católico contemporâneo Carlo Rochetta, nos alerta, diante dos diversos e contraditórios discursos das ciências da lingüística, sociologia, psicologia, semiótica e da filosofia, para o fato que não é fácil para a teologia cristã em meio a esse 'mare magnum' elaborar um conceito de símbolo suficiente, uniforme e estável" (5). Assim, no discurso da teologia, o símbolo ganha uma tríplice função semântica como mediação de identidade/mútuo reconhecimento, de encontro/comunicação, e de empenho/testemunho, emergindo como o fazer-se visível de uma esperança interior que empenha uma resposta de vida.

O símbolo assume as mais profundas experiências da existência humana, inexprimíveis no nível apenas conceitual, traduzindo-as num sistema expressivo organizado. O símbolo ex-põe. Nessa ex-posição sua função primordial não é fornecer um conhecimento intelectual, mas estabelecer um encontro. E Carlo Rochetta nos diz que "... o símbolo tem uma valência radicalmente interpessoal: é um testemunho de comunhão e, ao mesmo tempo, um operador de comunhão" (6).

O ícone é símbolo vivo da fórmula da Patrística: "Deus se fez homem para que o homem pudesse se fazer Deus". Em outras palavras a Encarnação remete a humanidade à plenitude da Vida trinitária divina. O ensinamento tradicional de que o ícone *contempla o espectador*, numa inversão dos termos da contemplação das obras de arte profana, ressalta ser ele veículo e suporte de uma "alquimia espiritual" cristã, que, abrindo os olhos do coração dos fiéis, realiza a promessa evangélica: "... se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado; mas se o teu olho estiver doente todo o teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que

há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!" (Mt, 6,22-23).

2. Duas faces do mesmo testemunho de fé

O Cristianismo se recusou a desmaterializar a matéria, afirmando, pelo contrário, ser ela veículo de salvação. São João Damasceno (c. 675 — c.749) diz: "... não adoro a matéria. Adoro o Criador da matéria que se fez matéria por minha salvação" (7). A arte sacra cristã se faz impregnada dessa qualidade salvífica que a Encarnação atribui à matéria. Esse não foi um caminho simples, mas sim conflitivo. A Patrística lutou contra obras de arte, tendentes, nas palavras de Clemente de Alexandria, a "fascinar e iludir", por apresentarem-se a si mesmas como a verdade, usurpando o lugar da Revelação. Ao mesmo tempo, empreendeu corajosa e arriscada obra de cristianização e "eclesialização" de formas artísticas do paganismo.

Nesse processo formas e meios de expressão "de empréstimo" são vertidos de novo conteúdo, de uma nova visão de mundo e uma nova religião. E, nessa versão mesma, são modificados. A nova arte cristã nasce nas catacumbas, e seus artistas falam na linguagem artística costumeira de seu tempo. Mas expressam uma radical novidade, e, com isso, essa linguagem adquire conteúdo diferente, até então desconhecido. O foco se desloca da beleza relativa do mundo do paganismo para recair sobre a beleza divina da Criação, e da Encarnação em particular. Como nos diz outro teólogo ortodoxo de nosso século, Leonid Ouspensky: "... na iconografia cristã o senso do ritmo e da harmonia é preservado. O objetivo do artista, no entanto, não é o de sua contrapartida pagã. Enquanto a arte da Antiguidade reproduzia a exterioridade tão próximo quanto possível, na iconografia cristã são precisamente esses aspectos ilusórios — na descrição do espaço, do corpo humano, e dos objetos — que são abolidos. Luz e sombras, perspectiva ótica e outras marcas de um mundo transiente, tridimensional, simplesmente desaparecem" (8).

O caminho da arte sacra cristã oriental conheceu dois períodos dramáticos, marcados pelo movimento iconoclasta dos séculos VIII e IX (de 730 a 787 e de 813 a 843), "provas" que a profissão de fé ortodoxa foi chamada a vencer. Os iconoclastas pretendem negar as imagens cúlticas de Cristo, de Maria, dos Santos. A presença da imagem no culto religioso é por eles compreendida como um obstáculo para a oração e a verdadeira vida espiritual. Os ícones são condenados não apenas devido à materialidade da própria imagem, mas sim — e aqui está a questão decisiva — devido à materialidade do corpo humano nela representado. Como o teólogo ortodoxo de nosso século Gheorghi Florovsky demonstrou, a heresia iconoclasta expressa uma resistência do espiritualismo helenista e neo-platonista contra a Revelação cristã, uma exacerbação do dualismo estrito entre matéria e espírito (9).

O primeiro período iconoclasta teve seu fim com o Concílio de Nicéia II (787), que selou a canonicidade da veneração aos ícones, afirmando que a tradição de fazer imagens pintadas "... existia já no tempo da pregação apostólica, como aprendemos por toda parte do próprio aparecimento das igrejas cristãs. Os santos padres testemunham-no, e os historiadores, cujos escritos foram preservados até nossos tempos, confirmam-no" (10). É crucial a definição dogmática conciliar de que "... a honra rendida à imagem passa a seu protótipo, e quem venera um ícone, venera a pessoa (*hipóstase*) nele representada" (11). O Concílio afirmou também a conformidade necessária entre os ícones e os Evangelhos como formas diferenciadas de um mesmo testemunho de fé, "... pois as coisas que se pressupõem entre si são mutuamente revelatórias" (12).

John Meyendorff, estudioso contemporâneo da tradição cristã oriental, nos diz que o ícone pertence à linguagem mistérica, a um só tempo divina e humana, da Igreja de Cristo. O ícone não é *apenas* expressão de uma esfera autonomamente criativa da humanidade. Nem tampouco um recurso comunicativo apenas acessório, da verdade proclamada na Igreja. É sim, parte essencial da atividade humana enraizada no Mistério eclesial, a serviço da expressão da Revelação do Deus de Jesus Cristo. Sendo o ícone símbolo vivo enraizado na linguagem mistérica da Trindade, não podemos no entanto nos esquecer que a Igreja fala muitas línguas. Mas que "... cada uma delas é a linguagem da Igreja somente enquanto ela corresponda com as outras expressões da fé cristã" (13).

As declarações dogmáticas do Concílio de Nicéia II não bastam para encerrar a crise iconoclasta. As resistências são grandes e terminam por ganhar apoio do Imperador Bizantino que repudia as teses conciliares. Eclode a segunda crise com novas perseguições e condenações dos "adoradores de imagens" e destruições de ícones. A pacificação só é conseguida mais tardiamente após a convocação de um sínodo em Constantinopla (843) pela Imperatriz Teodora. Ela é festejada no calendário litúrgico da Igreja Oriental no primeiro domingo da Quaresma como o "Triunfo da Ortodoxia". Nessa festa se identifica a vitória do ícone como o triunfo do trinitarismo cristão (14).

O século X tem a marca de um vigoroso florescimento espiritual e sacro-artístico no oriente cristão, fundindo na estética dos ícones, arte e experiência espiritual. Na conversão de novos povos, em sua maioria de origem eslava, a fé cristã ortodoxa ressalta a importância da veneração aos ícones. Caso exemplar é a *Vladimirskaia*, o mais famoso ícone de Maria da Igreja Ortodoxa russa.

A crença tradicional atribui o original da imagem a uma pintura de São Lucas Evangelista. Pesquisas de restaurações indicam que a presente pintura teria surgido no início do século XII em Constanti-

nopla, sendo levada cerca de 1131 para Vijgorod, nas proximidades de Kiev. Em 1155 o príncipe Andrej Bogljubskij domina Kiev, se apodera do ícone, que é transportado em 1160 para Vladimir, centro político cultural emergente da Rússia ortodoxa. Aqui começa significativo movimento de veneração popular. Durante as invasões tártaras a *Vladimirskaia* se constitui na protetora da Rússia. A essa proteção se associam inúmeras intervenções miraculosas em meio a violências e devastações. Com Moscou já constituída em centro político das terras russas, a *Vladimirskaia* foi trasladada para a *iconostase* da Catedral da Dormição de Maria, no Kremlim, tendo o Czar encarregado o famoso monge-pintor Andrej Rublev de fazer uma cópia do ícone, a ser conservada em Vladimir. Diante da Protetora da Rússia passam a ser coroados os Czares e consagrados os Patriarcas.

A festa do calendário litúrgico ortodoxo russo do dia 26 de agosto recorda o transporte da *Vladimirskaia* para Moscou. Um fragmento dessa celebração pode nos aproximar do denso significado desse traslado: "... hoje, luminosa e bela, a gloriosa cidade de Moscou acolhe como aurora o teu miraculoso ícone, ó Soberana. A Ti recorremos e súplices invocamos: Ó Rainha maravilhosa, Mãe de Deus, pede ao Cristo, nosso Deus que de Ti tomou carne, para conservar esta cidade e todas as cidades e regiões cristãs, livrando-as das insídias, e para salvar, como Misericordioso, as nossas almas"(15).

3. Hagiofania trinitária

O ícone supera a mera pintura. Ele é uma *hagiofania* cristã, uma visão da santidade e um modo de presença da Divindade. A teologia dos ícones é, toda ela, referida ao Cristo *vera icona*, o Filho de Deus que é "resplendor da Sua Glória e expressão do seu Ser" (Hb 1.3).

A contemplação de um ícone é momento experiencial de densa espiritualidade, não poucas vezes decisivo na conversão do coração do espectador. Isso é exemplarmente nítido no relato autobiográfico do intelectual russo Ivan Kireievsky (1806-1865) de seu encontro com um muito visitado ícone da Mãe de Deus numa capela do Kremlim: "... um dia estava eu na capela e contemplava o maravilhoso ícone da Virgem, enquanto pensava na credulidade infantil do povo, que diante dele rezava... Com ardente confiança contemplava eu os traços santos do ícone e comecei a compreender o segredo dessa força estranha. Sim, não é apenas uma tela com uma imagem em cima: ... ela se transformou num órgão vivo, um ponto de contato entre o Criador e os homens. Então caí de joelhos e, humilde, diante dela rezei" (16).

A teologia dos ícones não é um tratado filosófico. Ela se inscreve no Mistério trinitário, dele nasce e a ele nos remete. O ícone, veículo e suporte de um *estado cristão de oração*, nos envia ao domínio da arte litúrgica. Sua avaliação estética se refere a uma unidade indissolúvel de virtudes artísticas e teo-

lógicas. A estética do ícone é *estética orante*. Seu valor é seu significado para a *espiritualidade orante*. Sua confecção e contemplação são indissociáveis do estado de oração, não meramente vinculadas a uma aptidão técnica ou conhecimento especializado.

Essa mais íntima verdade dos ícones não é um conhecimento peculiar à espiritualidade cristã "oriental". Ela é intrínseca à espiritualidade cristã, sem adjetivização geográfica, como não nos deviam deixar esquecer as palavras do monge-pintor italiano Fra Angelico (1400-1455): "... quem quer pintar o Cristo, tem que viver com Cristo!" A referência do presente texto ao mundo religioso russo visa, mediante o recurso a um contraste, avivar a relembrança de dimensões espirituais das quais, em nossa "ocidentalidade moderna", nos esquecemos ou afastamos, mas que são tão "nossas", como possa ser "nosso" o cristianismo.

O ícone se apóia sobre três teologias cristãs: da Imagem, da luminosa Glória e da Presença.

1. Uma teologia da Imagem porque o Filho é *vera icona*, que "... se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14a), restaurando na humanidade a *imago Dei* quebrada com o Pecado de Adão. Vivemos sob o primado da restauração redentora da *imago Dei* pela Encarnação. Isso exclui, nas palavras de outro teólogo ortodoxo de nosso século, Paul Evdokimov, "que nos tornemos anjos por nossas obras", mas nos propicia, por Graça divina, a santificação de nossa humanidade, a "realização de um estado angélico conservando nosso estado humano". As duas figuras centrais da representação iconográfica: Jesus Cristo e a Virgem Maria, manifestam a essência da economia salvífica trinitária. Mais uma vez podemos ouvir Leonid Ouspensky: "... esses dois ícones prototípicos testemunham a encarnação do Filho divino na pessoa de Jesus Cristo e a 'deificação' da humanidade na pessoa da Mãe de Deus" (17).

2. Uma teologia da luminosa Glória porque no ícone, imagem visível do Invisível, brilha a luz do Mistério que a tradição cristã localiza no monte Tabor: a Transfiguração de Jesus Cristo, que permitiu aos discípulos Pedro, João e Tiago a visão do Senhor em Sua Glória (Mt 17, Mc 9 e Lc 9,28-36). Através do ícone o fiel se encontra com esse Deus de Quem João nos disse "... é Luz e n'Ele não há treva alguma" (1 Jo 1,5) e "... é Amor" (1 Jo 4,8b). A luz do monte Tabor supera na representação, tanto a anulação quanto a idolatria da corporidade do humano. Podemos novamente ouvir Leonid Ouspensky: "... daí a majestade do ícone, sua simplicidade, a calma do movimento, daí o ritmo de suas linhas e de suas cores, que deriva de uma harmonia interior perfeita" (18).

3. Uma teologia da Presença porque a pintura do ícone re-presenta o mistério salvífico da fé cristã como uma teofania pictorial. E assim Leonid Ouspensky nos pode dizer: "... a tarefa do pintor de ícones e a do padre tem muitos

pontos em comum. Segundo Teodoro, o Eremita, por exemplo, um compõe o Corpo e o Sangue do Senhor e outro O representa" (19).

Os ícones são meios abençoados pela Igreja de nossa comunicação com o Invisível. Em nossos tardios tempos modernos são antídotos contra a narcotização televisiva de nossas vidas, desenraizadas da Vida do Espírito. Reencontrar os ícones é reencontrar a Imagem Santa como objeto de meditação orante. Isso implica o aprendizado da concentração, do recolhimento e do silêncio que os mestres espirituais do ocidente e do oriente nunca deixaram de valorar. Orar com um ícone é orar com o Espírito Santo, nosso "iconógrafo interior", que nos escreve na carne a imagem do Cristo. Orar com um ícone é também orar com a Igreja, que nos convida à conversão e ao Evangelho. Orar com um ícone é, contemplando, deixar-se contemplar. É descobrir a contemplação como relacionalidade e encontro. É deixar-se ser um aprendiz da pedagogia do olhar do coração, que na representação encontra a Presença do Senhor, pois, como disse nossa tão "ocidental" doutora da Igreja Teresa de Ávila, "... mire que le mira".

NOTAS

(1) Para uma introdução ao pensamento teológico do cristianismo ortodoxo ver P. Evdokimov. Ortodoxia. (tradução do original francês de Enrique Prades), Barcelona, 1968: e sobre a obra de S. Bulgakov em particular ver também B. Mondin, Os Grandes Teólogos do Século Vinte, (tradução do original italiano de José Fernandes), São Paulo, 1987, vol. II, capítulo 11, pg. 223-236). (2) Ver Das Heilige Russland, 1000 Jahre Russisch-Orthodoxe Kirche. Herder Verlag, Freiburg-Basel-Wien, 1987, pg. 60. (3) Desde diferentes perspectivas religiosas isso é afirmado por autores judeus como M. Buber e E. Levinas, protestantes como E. Brunner e católicos como E. Mounier e G. Marcel. Para um sumário dessas perspectivas ver C. Rochetta, Sacramentaria Fondamentale. Dal Mysterion al Sacramentum, Bologna, 1989, pg. 32ss. (4) Ver M. Heidegger, Nietzche, Pfullingen, 1961, vol. I, pg. 363. (5) Ver C. Rochetta, op. cit. na nota 3, pg. 46. (6) Ver C. Rochetta, idem, pg. 45. (7) Ver John of Damascus, On the Divine Images, St. Vladimir's Seminary Press, 1980, pg. 23. (8) Ver Leonid Ouspensky, Icon and Art, in B. McGinn, J. Meyendorff e J. Leclerc (orgs.), Christian Spirituality. Origins to twelfth century, London, 1986, pg. 385. (9) Ver G. Florovsky, Origen, Eusebius, and the Iconoclastic Controversy, in Church History 19 (1950), pg. 96; para uma pequena introdução sobre a vida e obra de G. Florovsky ver também B. Mondin, op. cit. na nota 1, capítulo 12, pg. 237. (10) Ver L. Ouspensky, op. cit. na nota 9, pg. 382. (11) Ver L. Ouspensky, idem, pg. 390. (12) Ver L. Ouspensky, ibidem, pg. 390. (13) Ver John Meyendorff, Philosophy, Theology, Palamism, and "Secular Christianity", in St. Vladimirs Seminary Quarterly 10 (1966). p. 207. (14) Sobre a crise iconoclasta ver D. Knowles e D. Obolensky, Nova História da Igreja, vol. II A Idade Média, (tradução do original francês de João Fagundes Hauck). Petrópolis, 1983, Primeira Parte, capítulo 7, pg. 89ss. (15) Ver Gaetano Passarelli, L'Icona della Madre di Dio. Milano, 1988, pg. 10. (16) Ver Das Heilige Russland, op. cit. na nota 2, pg. 60. (17) Ver Leonid Ouspansky, op. cit. na nota 9, pg. 383. (18) Ver Leonid Ouspensky, L'Icone, vision du monde spirituel, Paris, 1948, pg. 22. (19) Ver Leonid Ouspensky, idem, pg. 15. □

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB

NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de outubro de 1993

Na ligeireza de tempos apressados, magnetizados pela TV que nos atropela com uma sucessão violenta e descontínua de imagens e emoções rápidas, de sensações que se sobrepõem vertiginosamente, **marginalizamos o processo da LEITURA**. Num ambiente dominado pelas emanações das torres de televisão não parece fidedigno crer na eficácia e no poder do livro e da leitura. Mas o acesso à educação e à cultura não pode prescindir deles. Não há sucedâneo. É uma exigência indefectível.

Crendo nisto e esgotada a primeira edição, em poucos meses, a **Conferência dos Religiosos do Brasil**, a sua CRB, está lançando a segunda edição, ampliada e melhorada, do Caderno nº 13: **PARA FAZER BEM O RETIRO**. Edição ampliada: eram 72 páginas. Agora são 96. Eram nove capítulos. Agora são onze. E melhorada. Apenas folheando se visualizam e lendo se identificam rapidamente as melhorias de editoração e de mérito. Se acreditar, não irá se decepcionar.

Tudo leva o tempo para o passado. Tudo é finito. Tudo fenece. Mas, como na surpresa proustiana das recordações involuntárias, a saudade, este olhar ao longe sem palavras, permite que nossos dias vividos e as emoções que o tempo atenuou retornem. No Retiro, portanto:

— fazendo a memória deste tempo passado ressurgir como fundamento para a invenção do futuro, dando a ele novo alento com o clarão de nossa imaginação criadora;

— buscando dentro de si recordações dos tempos idos, lembranças que iluminam, lições de mestres esquecidas, o amor de outrora em nós, amor de antigos dias;

— recompondo os sonhos irrealizados que compõem o acervo de nossas vidas, por vezes, o seu mais belo aspecto, no conjunto das experiências humanas transferidas;

— revivendo o anonimato de uma dedicação fiel e silenciosa, escavando palavras e promessas perdidas na memória;

— materializando uma realidade virtual, talvez nem sombria — pecadora —, nem solar — fervorosa —, banhada, porém, de noturna luminosidade — tibieza;

— tateando o chão à procura de seus caminhos para recolher, em síntese, sua experiência existencial, como a olhar-se diante do espelho para ver se corresponde;

no Retiro, você pode chegar, sob a ação do Espírito, a decisões tão surpreendentes que nelas identificará nitidamente **ecos de passagens de Deus em sua vida vivida**. A voz de Dèus, uma vez ouvida, não morre mais. Começa a integrar o mundo referencial de quem a ouviu. Permeia nossos dias como indefinida nostalgia. Fica ecoando no coração ressonâncias misteriosas, recordações que nos podem pungir. Sensibilidade, pois, espiritual, sintonia na onda certa. Captar estas ressonâncias perceptíveis nas expressões de nossa nostalgia interior e da melancolia de nossas reminiscências.

Tudo leva o tempo para o passado e, ao mesmo tempo, aponta para um amanhã... que há de ser melhor, pelo poder e pela bondade do Senhor.

LER é sempre possibilidade de uma formação mais consistente. LER aguça os processos mentais e a capacidade de raciocínio. LER não pode ser, em nossa vida, uma atividade menor. Leia **PARA FAZER BEM O RETIRO**. Releia, sobretudo. Na leitura somos impelidos pela curiosidade. Relendo somos guiados pela reflexão no desejo de viver. Ler é encontrar-se com a floresta no seu conjunto. Pode causar perplexidade. Reler é encantar-se com as árvores em sua individualidade. Produz aconchego, paz, concordância segura.

PEDIDOS: à CRB Nacional ou à sede de sua CRB Regional.

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Amém. Ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência